This is an interview with two officials, a man and a woman, of IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Institute for Applied Economic Research), who work in its racial equality section (Coordenação de Estudos e Pesquisas de Igualdade de Gênero, Raça e Gerações (COGRG).

The interview carried out by Luciane Rocha in 2017.

**LUCIANE:**

Meu objeto é de pesquisa. Olha…

**MULHER:**

Dia 6. Então, terminei em casa. Terminei e resolvi começar assim o título. Vamos reafirmar de novo isso, eu estou quase na segunda década do século XXI. Em 1920, tivemos um movimento de progresso, de emancipação de crítica, muito mais efervescente que agora. A sensação que eu tenho é que, tipo assim, sabe, tipo 100 anos depois, a gente está quase em 2020, e cadê isso?

Como assim eu ainda preciso afirmar dentro do departamento de Geografia na Universidade de Brasília, capital do país, que a questão racial vai ser tema de pesquisa. Em qualquer disciplina. Porque você foi, é… você mostrou os estudos de caso que você fez, é… E todos eles estão relacionadas a uma mesma categoria de análise, não é, violência. Todos. Inclusive as instituições do Estado. E acho que principalmente. Seja no IPE, seja na ACP. Então qual que é o tema que está ligando tudo isso? É violência. Por isso hoje o genocídio do povo negro, da juventude negra, é a questão principal. Porque não existe preto, defunto, que vai passar por racismo em supermercado.

Existe o preto, vivo. Então para ter a situação do racismo direcionado ao corpo vivo, eu preciso que o corpo esteja vivo. Entendeu?

Então a sensação que eu tenho é que é uma política assim vamos detonar as almas dos corpos vivos, vamos detonar os corpos vivos fazendo corpos mortos, e aí está, aí a gente consegue jogar com isso. Porque eu tenho 40 anos de idade, para estar escrevendo isso, eu me senti infantilizada. Era para eu estar avançando nesse debate. E aí eu não estou. Eu estou reafirmando, continuamente, a mesma coisa que todo mundo fez antes de mim. Sabe?

… os antepassados, passos de longe está bom, mas eu não quero mais passos de longe. Eu não estou mais afim de ficar reafirmando isso. Eu estou afim de ir para frente. Isso aí é um resgate de memória que vem na minha memória. Pá. Vamos embora, vamos avançar no debate. Eu não consigo avançar no debate porque eu tenho que começar ainda, no primeiro ano de doutorado, olha o meu tema de pesquisa. Por que? Porque a cada 2 segundos um colega fala para mim “isso não é uma questão de pesquisa.” Eu falo, ué, ainda bem que eu não estou aqui para ter que escrever em função da sua opinião. Mas, na verdade, eu estou me enganando. Porque, sim, essa pessoa que está lá é um doutorando, uma doutoranda. É uma pessoa que vai ter um posicionamento de opinião. Entendeu? Então, e aí, em função dessa minha mudança, de entender esse processo com colegas, com professores que fazem essas críticas também, eu falei: quer saber? Deixa eu reafirmar isso aí. E aí eu fui reafirmar. Entendeu? Do tipo, é, para a gente.. E isso não é só dentro da UNB. isso é dentro do IPEA. Constantemente. Constantemente.

Posso começar por apoio direto a pesquisa, orçamento…. Quem é a Coordenação de Igualdade Racial dentro do IPEA? Sou eu e o HOMEN, prazer. Essa é a verdade. A gente está entrando aqui um bolsista, mas não é um bolsista para fazer pesquisa no IPEA, em função das nossas pesquisas, e dos temas que achamos relevantes para o desenvolvimento do país em termos de Políticas Públicas. Não. É um pesquisador está entrando para fazer pesquisa específica, pontual, de demanda da SEPPIR. Por que que a gente não tem orçamento? Está fadado. Por que a gente não tem a mesma… O tratamento não é levado em conta na mesma seriedade que são as outras coordenações? As outras coordenações têm bolsistas para boletim. Que é uma das, não, é o principal produto dessa diretoria. É o BPS. Que é o Boletim de Políticas Sociais. Por que que todas as Coordenações tem um Bolsista para ajudar no boletim menos o de Igualdade Racial? Isso não é de hoje. Isso não é de pós 2015. Isso é de antes. Isso já vem, entendeu? É… e aí, outra questão que eu estou olhando muito, só um manifestador está aberto. Por que que a Coordenação… A nossa Coordenação foi juntada. Gênero e Raça. Gênero cresceu assim, oh, em capacidade de pesquisa. E digo isso de forma direta. A quantidade de pessoas, quantidade de pessoas. Porque capacidade de pesquisa, 1 não escreve por 10. A não ser que seja uma exceção. Existe? Com certeza, não nego a existência, mas é exceção.

O geral é que por pessoa a gente vai ter na cidade de produção de Pesquisa, não é? Uma coordenação, que é de gênero e raça, eu tenho em raça dois, e tenho em gênero quanto? Dá uns 10…

Estou contando aqui com bolsista, com gente que entrou na Nova. Gente que entrou de licença mas está voltando, 2. Só de…

**HOMEM:**

Muito maior.

**LUCIANE:**

Muito desigual. E esses são brancos, não é?

**MULHER:**

Todos Brancos. Todos. Gênero todos brancos. Todos brancos. A maioria. 100% brancos. Racial é 100% negros. Só que aí você tem, gênero com uma capacidade. Você vai me dizer “ah, mas nós somos 50% da população brasileira”. Nós também. É bom lembrar disso de vez em quando. Entendeu? Então, assim, isso não é um motivo. O motivo, se esse fosse o motivo, era para a gente ter mais capacidade. Por que que a Coordenação de Igualdade Racial desse lugar não tem … E por que tem temas que são diretamente da questão racial, são estudadas em outras coordenações sem qualquer arranjo….

**LUCIANE:**

… para fazer análise interseccional?

**MULHER:**

Exatamente. Um deles é violência direta, homicídio. Por que homicídio é estudado em outro grupo, por outro pesquisador, sem uma relação direta? Por que a pesquisa não é conjunta? Por que X, Y, Z pesquisador. Pesquisadora elabora pesquisa depois apresenta. Não tem um plano de trabalho conjunto. Eu não acredito em coincidência, não com a questão racial. Outros momentos, outras situações de fé eu super acredito. Mas nessa parte, entendeu? Então assim, tem um enfraquecimento ali rolando já há um bom tempo que não é naive.

**LUCIANE:**

Há quanto tempo existe a Coordenação de Desigualdade Racial?

**MULHER:**

Você falou com o pioneiro.

**LUCIANE:**

É, é.. 80 e … Ele falou, bom, ele falou…

**MULHER:**

… Que eles começaram, e depois acabou. Não foi assim?

**HOMEM:**

Eu não me recordo, mas quando eu entrei no IPEA, em 2009, que foi o último concurso, a Coordenação de Raça já existia. E ela estava, na época que a gente entrou, se eu não estiver enganado, tinha uma pessoa trabalhando efetivamente… Eram duas pessoas. Luciana Jaccoud e Josenilda. E Luciana já queria tentar passar a bola para a próxima geração que entrou. Mas no processo de alocação… eu fui parar, e ai já tentando responder sua pergunta, não é? Sobre a trajetória.

MULHER estava na diretoria de os estudos internacionais…

**MULHER:**

Eu entrei por Estudos Internacionais.

**HOMEM:**

Eu entrei pela DESOC mas…

**LUCIANE:**

DESOC é o quê?

**HOMEM:**

Diretoria de Estudos de Políticas e Direitos Sociais. O nosso concurso foi muito sistemático e a gente escolheu uma linha, não é? E aí a linha de MULHER era Relações Internacionais, e a minha era estudos e políticas sociais. E aqui dentro da Diretoria a gente tem uma infinidade de Coordenações. Hoje tem muito menos, na época que a gente entrou era basicamente uma espécie de estrutura espelhar . Se tinha um ministério temático, tinha uma Direção temática aqui. Era mais ou menos isso só para a gente visualizar. E quando eu entrei, eu entrei na área Agrária. Eu fui para os Estudos Agrários. Eu comecei… a minha trajetória em pesquisa é bem tortuosa. Eu sou formado em Direito, fiz especialização em filosofia, mestrado em Sociologia e Direito. Advoguei durante um tempo, abandonei a advocacia. Enfim, é… E aí depois eu virei pesquisador do IPEA. E nesse percurso, eu já trabalhei com sociologia do trabalho, na minha graduação eu estudava educação jurídica. Depois eu fui, eu sai, a sociologia bem urbano-centrica. Eu fui, quando eu entrei aqui, eu fui para o Rural. E na verdade, grande parte dos nossos estudos que não são do rural é, basicamente, tudo bem urbano-centrico, não é?

A gente está sempre pensando nas questões urbanas em regra. E a questão do Campo é só quem se dedica a área agrária. Aí eu fui para o Rural, no Rural eu comecei a fazer pesquisa no assentamento de reforma agrária, pesquisa de campo, que foi super importante na minha enquanto pesquisador. Um pouco tempo depois eu comecei também a fazer a pesquisa de campo em… a gente fez pesquisa de campo em comunidades ribeirinhas e em Quilombo.

E foi o meu retorno a questão racial, que não existia para mim. Quer dizer, que não estava na minha trajetória enquanto campo de pesquisa, mas estava na minha lá atrás de militância. Mas eu nunca me dediquei enquanto pesquisador, até então, não é, até chegar de novo na questão racial através da questão quilombola.

Aqui no IPEA, logo quando eu comecei a trabalhar com questão quilombola, fazendo pesquisa em Quilombos, eu me deparei com o primeiro conflito dentro dessa instituição de pesquisa. Que era: havia uma orientação, que não era necessariamente consenso, dentro de toda a coordenação, mas havia uma orientação de que para a área agrária, o que interessava com relação à questão quilombola, era apenas a questão da Terra, do território. Isso é bom, mas isso sozinho não dá. E tem uma questão de componente racial profundo, instituinte inclusive dessas comunidades.

E as pesquisas iam mostrando, essas coisas vão aparecendo. Foi só um primeiro conflito, depois eu tive outros, isso dentro da área agrária, que não vem ao caso. E, quando me apaixonei de novo, estava me apaixonando pela pela questão quilombola, quando eu pensei em sair da área agrária, para mim não havia nenhuma outra… nenhum outro desejo que não fosse migrar para raça.

**LUCIANE:**

Só um minutinho antes de você continuar. Como é que você resolveu esse conflito em relação a essas questões Quilombolas que você queria trabalhar?

**HOMEM:**

Ah, eu… Eu não obedeci.

[risos]

**MULHER:**  
Montei para você, mais ou menos, um organograma do que ele falou aqui. Pode ajudar a entender como é que funciona, como a gente entrou. Tem IPEA, as diretorias estudo, a coordenação, a DESOC que é a coordenação de ciências sociais, e aí as coordenações, mais ou menos essas, tá? Das questões que a gente trata aqui dentro.

**HOMEM:**  
Isso tornou mais agudo o conflito, não é? Mas a gente, por exemplo, aqui em 2012, a gente fazia uma sessão aqui de cinema quilombola. A gente selecionava um filme, era uma vez por mês, a gente selecionava algum filme que tematizava a questão quilombola, convidava alguém para bater, e chamava todo o IPEA para assistir, e debater, a partir do cinema, de uma outra linguagem, que não é a linguagem que a gente costuma trabalhar.

O IPEA é uma instituição bem quadrada, não é? Enfim, os instrumentais utilizados aqui para fazer pesquisa, são bem… uma pegada quantitativa. Outras formas de acessar a realidade e tentar compreendê-la, aqui é meio lateral, não goza do mesmo prestígio. Por sua vez, também, não goza da mesma capacidade de captação de recursos. É… pesquisa, por exemplo, pesquisa de campo você tem outro tempo de pesquisa. Não é o tempo de pesquisa de pensar, de rodar e publicar.

São outros tempos. E o tempo da administração pública, é o tempo que não consegue dialogar com essas outras possibilidades e necessidades.

**MULHER:**

Porque não quer, não é? Porque não quer e não tem interesse.

**HOMEM:**

É... mas a gente olhar por outros vieses. Enfim, mas a gente fez. Independente de qualquer coisa. Isso, inclusive, a Coordenação não foi contra não, ela bancou. Era mais a questão das análises que a gente estava produzindo a respeito da questão quilombola. E o lugar que a questão racial estava ocupando nessa análise. E é essa a história. E me desculpe, eu sou da questão rural mas o que eu estou estudando, tem algo muito mais que a questão agrária, rural, que eu tenho que falar. E, hoje, estou fazendo o mesmo com a questão racial. Se a questão racial não esgota tudo aquilo, não é, quando eu estou fazendo uma avaliação, não tem o que dizer. Olha, eu até não estou analisando essa questão, mas eu preciso apontar. E são os limites da minha capacidade de produzir pesquisa. Mas o fato é que a gente foi, mais ou menos, assim, nesse percurso que eu cheguei na área racial. Quando, aqui a, sobretudo no governo Dilma, começou.. a gente tinha muitas coordenações com autonomia, com outra capacidade de captação de recursos, contratação de bolsistas. É verdade que nunca foram iguais, não é, algumas com maior capacidade do que outras de capacitação, com mais prestígio dentro da casa, e isso está ligado ao reconhecimento da importância dessas pautas, não é?

E nesse sentido a área nunca foi a pioneira, talvez acho que na gestão de André Calixto a gente teve um pouco mais de entrada dentro da diretoria, mas foi uma gestão muito curta. Em resumo, com o passar do tempo, essa estrutura que era meio espelhar, ela começou a ser agregada. Então quando cortaram os DAS, os cargos em comissão, e determinaram que só podia existir uma coordenação se tivesse um cargo DAS para ser dado ao coordenador,

**LUCIANE:**

DAS é o quê?

**HOMEM:**

DAS é um é um cargo em comissão. Um Cargo comissionado que era distribuído para os coordenadores das áreas. Cortaram os cargos disseram o seguinte: não pode haver condenação sem que tenha algum coordenador responsável com um DAS. Com cargo de Comissão. Então, qual foi a solução? Juntar as condenações. E aí qual foi a primeira, a primeira consequência para área racial? Juntou com gênero. E quem virou a coordenada… Quem coordena a coordenação de Gênero e Raça? Gênero. E raça nunca coordenou. Na verdade eu coordenei durante um mês no ano passado, e fui destituído.

(riosos)

**MULHER:**

Isso aconteceu antes, não foi?

**HOMEM:**

Não, eu estou contando essa história lá atrás.

**MULHER:**

Lá atrás… foi em 2014… antes

**HOMEM:**

Foi na época de Tatiana. 2012. Quando eu entrei, quando eu entrei na Coordenação ela já era Gênero e Raça.

**MULHER:**

É. Então foi GOverno Dilma 1.

**HOMEM:**

Foi 2012 isso e tal.

**MULHER:**

É. A gente tinha muito trabalho, a equipe era maior, era bem maior. A gente tinha muita parceria, tanto com o ICP, como outros órgãos. A gente tinha mais demanda assim, também. Não é? E a produção refletia isso. Entendeu? Principalmente pela diversidade dos temas. Não é? Porque a gente colocou: violência é o que junta. Mas a gente produzia sobre Quilombos, produzia sobre educação, produzia sobre políticas afirmativas, cotas, análises. É… A gente produziu o acompanhamento da política, que era o boletim. O que mais? A gente fez um trabalho específico sobre Monteiro Lobato. Tatiana fez com o pessoal de cultura. Então, a gente estava avançando em muitas áreas. Tinha uma capacidade maior.

**HOMEM:**

Logo quando eu entrei tinha 7 pesquisadores. Entre quadro efetivo e bolsistas. Agora estamos nós dois. Mas, assim…

**LUCIANE:**

O último concurso foi em 2009?

**HOMEM:**

2009. Mas eu acho que a grande questão…

**MULHER:**

Mas acho que a questão não é o concurso. É o fortalecimento da questão racial dentro da Instituição e isso reflete dentro do Estado.

**HOMEM:**

Eu penso o seguinte: tem um acúmulo de questões aí, não é? Vamos lá, quantos negros têm no serviço público…?

**MULHER:**

… e quantos estão dispostos a trabalhar com essa questão? Porque o fato de você ser negro não… que você quer trabalhar com pesquisa racial. Porque isso é uma coisa que está sendo colocada desde o início.É como que: sou negra, tenho que ir para a área racial. Eu não posso querer mais nada?

**HOMEM:**

Na verdade, o raciocínio que eu ia fazer era mais ou menos esse, mas trazer o outro lado, não é? Só quem, depois de Luciana, tirando Luciana Jaccoud que tem trajetória na área, inclusive, e que é branca, não tem Brancos interessados em estudar a questão racial. Então, na prática, a gente fica diante de um dilema. Porque é quase a impossibilidade de construir uma outra trajetória de pesquisa, levando o debate racial para outras áreas. Quer dizer, eu podia, como eu estava na área agrária, continuar na área agrária, tematizando a questão racial lá por dentro. Estudando a questão quilombola, tal, tal, tal. Nada me impedia que eu pudesse fazer. Mas, como a gente não tem nenhum reconhecimento da importância da pauta, e como a gente não tem também um contingente de pesquisadores negros… É muito pequeno, muito pequeno, o número de negros aqui dentro dessa Instituição na área de Pesquisa. A maior parte dos negros no Ipea estão trabalhando como serviços terceirizado, não é? Na limpeza, na coperagem, porteiro. É a presença negra no Ipea está aí. E é o que existe de melhor que existe nessa Instituição, diga-se de passagem.

**MULHER:**

É com quem a gente conta.

**HOMEM:**

É, são pessoas maravilhosas e …

**MULHER:**

Eu me sinto mais confortável, em muitas situações, mais próximas delas do que as outras hierarquias de cargo comuns.

**HOMEM:**

É porque se o nosso lugar é um lugar sem vida, meio ambíguo, é importante mas não é, existe mas não existe. .. eu não sei bem aonde é que eu estou.

**MULHER:**

É o não pertencimento. E isso também faz parte da política agressiva contra a gente.

**HOMEM:**

Mas a gente toca o barco e no final das coisas é isso: ou a gente assume ou a coisa morre. Então, não tem muita saída com relação a isso não. Então, tem que assumir a parada e seguir adiante. E aí, levar a questão quilombola para dentro de Raça. Porque se depender das outras áreas, a pauta não avança. É levar o debate de Gênero e Raça para dentro de Raça, porque dentro de Gênero as pessoas não tocam. É levar o debate de saúde e raça para dentro de raça, porque na área de saúde não toca. Em educação também não.

**MULHER:**

Previdência...

**HOMEM:**

Então, no final das contas, o que que acontece? A coordenação de raça, ela tem a incumbência praticamente de espelhar toda as diretorias, dentro de uma coordenação em que trabalha duas pessoas. E a gente recebe demanda de tudo.

Recebe demanda para analisar a política de cotas, recebe demanda para a saúde da população negra, sofrimento psíquico. Estudos sobre violência, hoje também não dá para não falar de Sofrimento psíquico, não é? Isso é algo que está no grande campo de saúde que ninguém toca. Embora não seja só de saúde, não é? Mas enfim.

Mas, na prática, a gente tem uma responsabilidade gigantesca diante de uma...

ausência de comprometimento, mínimo, com a questão racial nas outras condenações. E como a gente não se recusa a não falar, vamos tocar! muito Agora, nos limites...Respeitando nossos limites, porque tem hora que não dá. Não, tem hora que não dá. Difícil.  
às vezes você recebe uma demanda que eu preciso

abrir um novo campo de estudo, de análise, de intervenção, para poder dar conta. E, como eu acho que a questão racial, como todas as outras questões, são muito importantes e eles precisam ser estudados para eu falar, não é. Porque tem gente que acha que não precisa estudar a questão racial, e pode se falar qualquer coisa. Enfim.

**LUCIANE:**

Quem é que demanda de vocês as temáticas? São movimentos sociais ou externos… como é que essa escolha dos temas?

**HOMEM:**

A gente tem dois grandes campos aqui.

**MULHER:**

Não, mas tem dois formatos: um é o seu plano de trabalho. Cada um tem essa liberdade dentro do Ipea, cada pesquisador de montar. Aí o segundo que é via demanda. Que pode ser Diretoria, não é? Órgão externo, Academia, tem parceria com Universidades, também, a gente já teve já. É… E movimentos sociais.

**LUCIANE:**

Entendi. E quais são as linhas que vocês desenharam para vocês antes das demandas?

**HOMEM:**

Ah, quando eu entrei na coordenação eu falei: eu não vou ficar escutando aquela parafuseta de política pública que não tem nem orçamento. Disse assim, e disse eu só vou estudar o que eu acho que é mais relevante que é violência. Então desde que eu entrei aqui eu tenho me dedicado a estudar genocídio da população negra. Eu entrei em 2013. Final de 2013 na coordenação. 2014 de fato. E comecei a estudar violência. Óbvio que as demandas que foram surgindo com tempo me fizeram também… Oh, eu vou ter que estudar isso aqui, estudar política de cotas e tal. Sem problema, mas a grande área, o grande tema que eu abracei foi esse. Independente de demanda. Aí foi resultado da minha análise sobre a realidade que eu achava que eu precisava responder enquanto pesquisador. Além disso, trabalho. E aí tentando resgatar também uma trajetória que eu a gente tinha tido na área de trabalho. Pensar as inserções heterogêneas da população negra no mundo do trabalho, não é? E agora, mais recentemente, inclusive, eu estou tentando pensar as possíveis consequências que a reforma trabalhista podem provocar o próximo debate. Também esse debate não está em lugar nenhum. E eu acho que a gente precisa de alguma reflexão sobre isso para se posicionar, não é? Mesmo porque o lugar que a população negra, classicamente, ocupa no trabalho não é o lugar que grande parte dos estudos do trabalho se debruça, não é? Eu estou falando de gente que teve sempre na rua o seu local trabalho, não é? É, trabalho informal…

E eu eu não considero, a despeito dessa população, desse contingente, que é um contingente expressivo, não se reconhecer no debate clássico da sociologia do trabalho e tal, pelo menos em sua grande maioria, eu não acho que o fato desses segmentos, já mais na franja, que não vai ter nenhuma consequência para ele. Na minha avaliação tem. Mas enfim. A gente está se debruçando sobre isso, eu estou trabalhando com uma colega que passou por aqui, Luana Passos, que mexe com dados quantitativos. Não sei você vai fazer nada de braçada, a outra parte deixa que eu vou tentar me debruçar. Aí o título do projeto, inclusive, Os lugares da raça no mundo do trabalho, enfim. Mas a gente já teve aqui ambições até muito maiores, só que…

**MULHER:**

Porque a gente é sonhador, não é? A gente usa capa do super herói, a gente acha que vai voar. Mas a gente, de repente, percebe que está sem capa, e a gente está andando. Tipo isso a nossa metáfora.

**HOMEM:**

Quando eu pensei em estruturar aqui um projeto sobre genocídio da população negra. Só que genocídio não é só matar um corpo físico. Genocídio é um massacre da alma, que MULHER falou, é … Genocídio tem diversas expressões, não é? inclusive, existem diversas formas de morrer. Não se morre apenas fisicamente. Morre-se socialmente, simbolicamente.

**MULHER:**

Morre nos sonhos, não é? Nas ideias… Se amta pelos sonhos. Quando você diz para uma criança negra “O que você quer ser quando crescer?” ele diz “médico” E aí alguém diz “Não, médico é coisa de gente filho de rico e de branco.” Você está matando um sonho. Então você está… mata esse desejo. Agora, essa morte que acontece para um criança negra não acontece para a branca. AO contrário. Incentiva. “É, você vai ser um grande Doutor. Meu filho, minha filha.” Não é? E aí você já começa com toda a desigualdade de um corpo que vai ficar mais vivo e um outro que começa já a….

**HOMEM:**

É o sequestro do horizonte de expectativa, não é? Assim, nós temos, nós somos bem heterogêneos naquilo que a gente projeta no Universo do Possível. E, entre negros e brancos tem um abismo, em regra. Você entra em um sala de aula, de uma Escola Pública, nas grandes cidades brasileiras, Salvador, Rio de Janeiro. Os professores da rede pública dizem assim, eles perguntam: quantos aqui desejam fazer a universidade? De uma sala de 40, 2 levantam a mão. Eu estou falando de uma sala de majoritariamente negros, não é? Ou seja, para muita gente, a universidade sequer está no campo do Imaginário. E quando um direito não ocupa o Universo do imaginável, a gente já tem um obstáculo de qualquer possibilidade de acesso. Então, tem muitas coisas que nos separam.

**MULHER:**

É a cultura do … Quando a negra começa a pedir desculpa porque está acessando o que tem direito.

**HOMEM:**

E aí, a nossa idéia era estruturar um projeto que se debruçava por essas profundas e menos visíveis, pelo menos sob a perspectiva do Estado. Porque para a população negra não, a gente sabe. A nossa grande questão era não ficar só na sociologia das aparências. Os dados estatísticos eles mostram todo ano a mesma coisa que a gente já sabe, a gente só reproduz o mesmo discurso sempre.

**LUCIANE:**

É o mapa violência, não é? Todo ano só aparece…

**HOMEM:**

Eu já sei o que ele vai dizer…

**MULHER:**

Mas antes de ler o mapa da violência, eu já sabia o que tinha ali. Eu já sabia, você já sabia, HOMEN já sabia. Você entendeu? Então esse conhecimento não nos é desconhecido, apesar de não estar expresso no formato papel, documento impresso,formato PDF, como pesquisa. A gente já conhecia essa realidade. Mas conhecia sem saber a estatística. Porque a gente conhecia essa estatística no dia a dia.

**LUCIANE:**

É, no bairro,nossos vizinhos. Eu tratei isso na tese nos últimos…

**MULHER:**

E mesmo na mídia também, não é? Quando você assiste aqueles programas de, que bota a situação de violência, de polícia, tal, tal, tal…

**LUCIANE:**

… Você sabe os corpos que estão ali.

**MULHER:**

Os corpos sem corpos. Não tem raça,nem etnia então…

**HOMEM:**

Eu não nego a importância desses estudos, não. Mas eu acho que a gente está batendo no teto, em termos de capacidade de produzir respostas a partir dessas leituras que a gente faz. Porque tem uma gramática na política pública que é meio paralisante, ela não produz desconforto mais. Ela não insita as pessoas a pensarem. Então, 60 mil pessoas. Isso não afeta mais muita gente. Sobretudo na maquina pública. Então, quando a gente pensar … a gente tem que mudar um pouco, sem desprezar a importância desses dados. Porque, óbvio, a gente só pode falar disso porque isso vem sendo replicado há muitos anos. Muito pior se a gente não tivesse nenhuma informação a respeito disso.Muito pior. Agora, eu acho que a gente pode pensar um pouco mais adiante. Foi aí, por exemplo, que eu cheguei nos estudo de violência.

Eu disse: olha, tem uma coisa que nunca… Nunca é uma palavra que a gente nunca deve usar.[risos]

**LUCIANE:**

Já usou quatro vezes aí. [risos]

**HOMEM:**

Exato. Mas que pouco aparece, não é, sobretudo dentro da esfera Institucional, do Estado e tal, que é: Além daqueles que morrem, tem uma galera que fica. E tem muita galera que fica para relutar. E aí aparecem as mulheres negras e enfim. E a ausência desse reconhecimento dessas mulheres como vítimas da violência, mesmo quando ela é praticada contra um corpo negro masculino, produz novos desastres, não é? Vide lá o caso… Esqueci o nome dela… Viúva de Amarildo.

**LUCIANE:**

Ah, esqueci o nome dela também….

**HOMEM:**

Bom, mas que, enfim, um ano depois, passando um processo depressivo…

**LUCIANE:**

Uma das mães, no caso costas barros faleceu.

**HOMEN:**

… morreu, enfim. Foi definhando. O depoimento das mães de maio falam muito sobre isso. Primeiro vão morrendo por dentro, a alma morre. Mulheres que começam a desenvolver câncer, e por aí vai… É um processo… uma memória, uma coisa que é bem perversa, que é extremamente violento e não é reconhecido como violência: a impossibilidade dessas mulheres falarem de sua dor, é muito violento. … uma cena que fala da volta do holocausto que ele se senta em uma mesa, e tenta falar sobre a experiência do campo de concentração. E não encontra ninguém que o escute. As pessoas apenas se levantam, e vão embora. A descrição dessa cena é angustiante. E ontem eu estava falando a Luciana: pense que isso aqui é a história do racismo, que se negou falar por tanto tempo, que condenou uma massa negra a viver uma espécie de realidade paralela que não é palpável. Isso é violento. Extremamente violento. Enfim.

**LUCIANE:**

E você MULHER, quais as temáticas que você tem se debruçado?

**MULHER:**

Eu fiz um caminho diferente de HOMEN. Eu mais ou menos não sabia com o quê eu queria trabalhar. Mas sabia que queria trabalhar com a questão racial, eu tinha essa noção. Então eu comecei com a parte mais próxima da minha realidade. Porque eu sou formada em Relações Internacionais, não é, na graduação. Que foi na época até, eu fiz um apanhado de toda a parte de acordos, tratados, que o Brasil tinha com relação com o regime internacional a questão racial. Então, fiz junto com Tatiana e a gente meio que montou uma espécie de resumo, até aquele momento, que era nosso objetivo até para a gente também aqui dentro e quem quisesse estudar a questão racial. A partir dessa lógica, ter um material todo coeso, todo bonitinho. A gente fez um TD. TD sobre o regime internacional da questão racial que ficou muito legal. A gente tem os tratados, a gente anexou, então o material que não tiver lá é porque a gente não encontrou o PDF aberto, ou arrumadinho, a gente cita. Então a pessoa pode buscar na internet. A gente tentou buscar tudo e fazer meio que um cadernão dessa parte internacional. Que ela acabou sendo internacional, que entra no arcabouço internacional. Por que? A gente viu que o Mário tinha feito com a Jaccoud, anterior, da Constituição. Então tinha feito … nacional. Então vamos fazer do internacional porque a gente passa a ter dois materiais. ENtão está no site do IPEA. VOcê tem dois hoje. Internacional e nacional, está ali.

Aí, depois eu me aproximei de Quilombo por livre e espontânea pressão de certos colegas, que me botaram para uma pesquisa de campo de quilombo. E eu sou uma pessoa super urbana. Do cimento e do concreto. Fora isso, eu sou praia. E eu fui parar no meio de um Quilombo de Mata Atlântica, que para mim foi uma experiência renovadora, mas quem foi comigo para a pesquisa se divertiu muito porque teve…

**LUCIANE:**

Com as aranhas, sapinhos… [risos]

**MULHER:**

Tudo! Eu já tinha tido relação durante a minha vida, mas não era muito meu ambiente preferencial não, sabe? Mas é… Foi muito bom. Muito bom. Até para quebrar o meu imaginário sobre quilombo: que ele existia, não é? E que me ajudou a… sabe? A tirar um pouco as cortinas, do romance. Eu tinha um certo romantismo sobre os quilombolas, que esse quilombo me ajudou a derrubar. E a partir de então, os outros quilombos que eu fui me aproximando, só ajudou a fortalecer essa pegada. e depois, eu resolvi, tive a oportunidade de trabalhar com a questão de territórios. Território enquanto categoria de análise, avançando um pouco no trabalho de Milton Santos. Entendendo que não seria mais categoria de análise para ser analisado, e que a questão de pertencimento está inserido na questão do território. Porque não existe território sem pessoa, sem almas, sabe? A produção de espaço, ela exige gente. é… E aí, eu resolvi olhar o que, para mim, de forma intuitiva, seria o território negro. Aí me fiz essa pergunta: aonde está a negrada, a partir do olhar branco? Quantas pessoas negras podem estar a partir do olhar branco? Onde o corpo negro fica, de forma confortável, para o olhar do racismo? Onde o racismo não… não se preocupa com aquele corpo. Aí eu comecei a ler jornal. Notícia de jornal. Dados de censo, 2010, …

vou criar um mapa. E aí, nesse mapa, vieram três territórios. O primeiro deles, com o tema do Genocídio, foi o cemitério. Então, o corpo preto morto, o racismo não se importa. Toda vez que um negro morre, você não vê uma lápide. Por que que o corpo negro tem um valor diferente do corpo branco? Então era cemitério.

O segundo lugar foram as cadeias. E esse aprisionamento do povo preto. Que mexeu muito comigo, porque me lembrou muito a escravização. Então, pô, a gente não saiu da escravização enquanto processo. A gente saiu enquanto sistemas, enquanto períodos. Mas enquanto processos ela está aí, continuamente.

E o terceiro era o lixo: o corpo preto no lixo não é um problema. E isso me surgiu porque fizeram uma reportagem , alguma novela, fez alguma reportagem. Encontraram uma mulher branca, e depois encontraram um homem branco, trabalhando em um lixão de Gramacho. E como pode? Virou modelo! E eu falei: mas tem um monte de gente lá que continua. E por que as outras pessoas podem? Aí quando eu olhei as fotos, as imagens mesmo, eu falei: Ah, está bom. Mais um território.

Mas, aí, bem. Eu ia começar. Comecei pelo genocídio. E eu não tive estômago, falei: não é para mim.

Aí fui para a prisão. Primeira prisão que eu cheguei aqui, eu não consegui chegar lá. Fui ficando mal, ficando mal, ficnando mal, dentro do carro com um grupo de amigas mulheres. Eu falei: gente eu não quero ir. Ela falou, está bem, vou te deixar em casa. Super respeitou. Ela trabalha com essa questão, não é? De aprisionamento de mulheres, negras, e aí…

Pô, vamos para o terceiro. Vamos ver o que eu aguento. E fui, assim. Foi.. É um soco no estômago contínuo. Porque aí eu fui entender quem era esse corpo. Esse corpo é uma pessoa, uma pessoa que vai para lá trabalhar. Fui conhecer a ressignificação desse trabalho. Fui conhecer mais essa questão de catadores de material reciclável. E fui entender mais esse debate sobre lixão, sobre aterro sanitário. Fui entender porque no Brasil a gente ainda tem essa situação do lixão, e porque a gente não transformou todos os lixões em aterros sanitários. Isso é, fechar o lixão. Fazer a coleta seletiva como ela tem que ser feita, para aí a gente poder fazer reciclagem. E aí, essa pessoa, teria e que percebe de diversos catadores que se sente um lixo sobre qual trabalha, quando está dentro de um aterro ou de uma cooperativa, se sente um trabalhador, como outro qualquer.

E tem uma renda compatível com o trabalho. Então eu falei: ah, essa é a jogada, que eles mesmos me ensinaram. Os catadores que me ensinaram, aprendi com eles, e funcionou. Nesse temática aí e foi. E aí, continuei trabalhando com a questão do território. E uma questão que eu fui vendo com os catadores, e aí por isso que eu acho que foram eles que me ensinaram, foi a capacidade do poder.

Falei, cara, esses caras estavam no lixo. Eles não tinham nada para comer. Não tinham nada, de nada. Mas de quem era catador, como catador começa a ser catador. Tem filho de catador, mas tem aquela pessoa que começa. E por que ela começa? Desemprego. Está bom, e daí? Aí, eu fui entendendo, e depois desse processo de chegada no lixo, como ele sai dali e vai encontrar o prefeito, e propor um contrato, se ele não quer pagar um contrato para o catador, mas quer pagar um contrato para uma empresa de limpeza urbana. Milhões. Mas não topa pagar, nenhum salário mínimo para cooperativa de catador, aí catador vai lá e faz um embate. Esse pessoal tem esse poder. Aí, eu falei é isso que eu quero estudar: poder. Esse poder que o branco tem, eu quero também. E essa negrada aí, catador, tem também. Eu quero esse poder também. Eu acho que é isso que a gente precisa. Eu fui estudar poder com território. Isso é geopolítica. Então quero trabalhar com poder, com o que manda, com o que tem condição de estar ali, de ter poder de transformar, de mudar, de alterar, de dialogar, de fazer embate, de questionar. Então, vamos se envolver com essa história de conflito porque eu estou gostando disso. Então eu me aproximei. Me aproximei muito de forma aberta para ver o que que é que tinha. E fui a categoria de poder e falei, cara, vou juntar meus interesses com isso aí. E fui olhar: quem que tem poder no Brasil? Banco. Qual o Banco mais importante desse país? BNDES. E comecei a me aproximar do BNDES para entender qual a estratégia de poder do BNDES a partir da perspectiva racial. A primeira questão: quem é o presidente do BNDES? Um homem branco. Quem são os diretores? Aí você começa: representatividade. Aí você volta, representatividade toda branca. Você fala: pô, o banco mais importante do país, que tem população majoritariamente população negra, não tem gente negra mandando. Por isso que a gente não tem esse poder sob a política com dinheiro. E dinheiro é poder. Então, eu quero esse dinheiro também, esse financiamento que está bancando um monte de gente branca, eu também quero. Por que o BNDES não está dando grana maior para catador de material reciclável mas está dando para constutora? Porque eu quero dinheiro. Negrada quer dinheiro, negrada quer poder, negrada quer tudo que é de bom. Porque se está bom para os outros, está bom para a gente também. Entendeu? Tipo assim, se carro com ar condicionado é legal para vocÊ que está no bairro nobre, ele também é legal para quem não está no bairro nobre. Sinto informar que o que a gente quer é coisa boa. Não, aí eu descobri a inveja do colonizado: é isso. Me encontrei! Eu sou a invejosa do colonizado. Eu quero tudo o que vocês tem. E eu quero que a negrada tenha. E a gente tem que querer isso porque é um direito. A gente não topa mais a política do “desculpa, estou aqui”. Não. Eu estou aqui porque isso é um direito. Se está incomodado vai chorar no banheiro. Mas a gente está chegando. E incomodou.

E várias dessas políticas a gente ouviu isso. Política de cotas na universidade, políticas de cotas no serviço público, política de ação afirmativa nas Universidades. Enfim, todas. Todas incomodaram. Eu ouvi, em um boteco uma vez, as pessoas questionando que receberam apoio de políticas de ação afirmativa do Itamaraty. “Está triste é banquinho? Chore. Chore, porque é um direito”. E aí, enfim, estudando toda essa… Fazendo link, eu comecei a estudar a estrutura racial do financiamento do BNDS. Aí, coincidência ou não, a partir da lógica de território usado, resolvi avançar no conceito de território negro. Que é um conceito intuitivo, que todo mundo usa. Quando eu digo “território negro” HOMEN sabe o que eu estou dizendo, você sabe o que eu estou dizendo. As pessoas brancas não sabem, e algumas olham para mim e falam: mas o que você quer dizer com isso? E eu fico: como você não sabe. Para mim é óbvio. Para você é óbvio, não é? A gente tem uma relação com esse conceito de forma intuitiva. Quando eu digo que o meu corpo é um território negro você entende. E as pessoas não entendiam. Como assim? O meu corpo é o primeiro território. Se meu corpo é negro, e eu estou me afirmando negra, o território é negro. Onde eu piso é negro. Ai eu falei, cara, a gente está precisando discutir isso de forma mais avançada, E essa é uma das minhas propostas no Doutorado.   
E trazer isso para dentro do IPEA. O que que a gente entende por território negro, avançar nessa lógica de território negro e trazer, não o conceito, mas a categoria. Porque se eu analiso o território, e o território é um conceito branco, porque ninguém perguntou para a negrada o que que pensa a partir do território, a construção do território negro idem: se torna … do território branco. Então, quero avançar a partir do território negro. Então, como analisar esse banco que é o poder branco no Brasil com financiamento, com dinheiro que é negro. Porque se a maioria da população do Brasil que trabalha é negra, quem produz é a negrada. E até hoje não teve o pagamento da dívida da população escravizada. Então, se o meu pai, um homem pedro, não recebeu herança, de terra, de nada, é porque ele foi impedido. Não é porque ele não quis. É bom ter herança, não é ruim. Todo mundo gosta do que é bom. Então, se ele não recebeu, meu avô não recebeu, meu tataravô não recebeu, não puderam ter terra em 1850 na lei de terra, não é porque não quiseram, é porque foram impedidos. Por um estado, e o Estado é o mesmo,não é o Brasil? E cadê o pagamento dessas pessoas? Cadê a minha herança? Eu não recebi. Não sei você. Eu não recebi a minha herança do trabalho dessas pessoas antepassados. E hoje,.ainda é a população negra que banca a estrutura brasileira e o Estado brasileiro. Apesar de não ter acesso, ao seu poder, poder decisório, de financiamento, de poder bancar isso, dos bancos, de tudo, é quem dá o dinheiro, é quem produz. E recebe pouco por isso. Recebe o mínimo. Majoritariamente, quando é o trabalho formal é o mínimo, e quando não é formal… Então se o acúmulo que vai para o BNDES, é o acúmulo do tesouro, e o acúmulo que vai para o tesouro é um dinheiro negro. Então, é um dinheiro negro só que quem manda é a representatividade branca. Então o poder é branco, o banco é branco, mas o dinheiro é preto. É isso? É isso mesmo, é negro? Então, eu quero reverter isso aí. Quais são as políticas que a gente pode fazer para reverter? E essa é a minha pergunta, avançando a partir de uma análise sobre o território negro. Onde a gente vai reverter isso? encontrar uma mudança, estrutural, para o principal banco hoje no Brasil, que ´o Banco que banca financiamento de tudo. Seja estrutura, microcrédito, inclusive o.. extermínio. Isso. E aí, se você avançar, a gente está pagando para morrer. Porque a gente não está conseguindo chegar nesse dinheiro. Então, o meu questionamento é esse:? não, acabou. A gente também quer esse poder. Mudando essa política, para não se matar mais, e usando a nossa arrecadação para o que nos é de interesse, e fortalecimento do que é nosso. Por que que quando o BNDES empresta dinheiro para um empresário produzir calçados a gente não fala: não, eu prefiro que esse dinheiro vá para construir uma escola de maior qualidade ali, produza uma construção de uma quadra, construção de uma piscina com isso. Eu prefiro que construa melhor o barracão da escola de samba, para a gente ter oficina de percussão, porque a nossa música é essa. E a gente quer essa, e a gente não quer o violino, e a gente pode escolher o que a gente quer. É, dos auditórios, melhorias de ruas. Melhoria da construção de moradias, a gente prefere usar o nosso dinheiro para moradia nossa. Porque o dinheiro é nosso. Então por que a gente não pode… E aí você olha e fala: não, qual a nossa intervenção sobre ele? Zero. Qual a política afrocentrada dentro dos bancos hoje no brasil? Nenhuma. Então, o meu questionamento é esse, a lógica de eu quero poder! Eu até brinco aqui no corredor com as pessoas que tem carro aqui dentro da Coordenação. Eu falo: aproveita, porque quando eu acabar o doutorado eu também quero. Eu quero poder. Eu passei a vida inteira achando que eu não podia. E eu descobri que eu posso, e eu quero. Eu quero ser Coordenador, quero ser Diretora, quero ser Ministra, quero ser Presidente. Claro, que em um debate desse eu falo de forma.. Mas, assim, eu enquanto negros e negras. Não eu, MULHER. Mas eu quero ter uma representatividade negra ali. Eu quero deputados e senadores, deputadas e senadoras negras. Eu quero ter que discutir e questionar?: eu quero a senadora tal, tal, tal, que fez isso. Uma mulher negra. Porque quando a gente vai falar, quantas senadoras negras nós temos? Quantas Deputadas negras nós temos? Então, por que que eu tenho que me acostumar com o corpo negro no lixo,achando que é o próprio lixo, com o corpo negro na porta do IPEA, como eu tive que me deparar hoje, pedindo dinheiro para comprar colírio. Eu não me acostumo com isso. Eu não topo. Eu acho que esse corpo negro não tinha que estar pedindo dinheiro para comprar colírio. Tinha que ser oftalmologista, tinha que ser a médica. Tinha que estar rica. Eu não topo esse debate de que preto é pobre. Esse debate para mim é um dos piores, porque meio que cessa a nossa relação com o que é bom. É como se o dinheiro para o branco é bom e para o preto é ruim. Não, é bom também.

Então, todas as mordomias relacionadas a renda, a pretitude tem que ter. E aí é isso, sabe? É por aí que eu estou tentando entrar. Nessa lógica. Já fiz um trabalho, funcionou, escondi. Se você tiver interesse em ler, mas eu peço que não divulgue. Porque não é o momento, para não rolar politicagem. Porque quando a gente questiona ainda tem isso, que para mim é a maior dificuldade da questão racial. Hoje, dentro do IPEA ou da academia, … panfletagem. Toda vez que você trabalha com a questão racial, as pessoas olham, para mim e fala: ah, mas precisa ter cuidado com o panfletário.

Luciane:

Claro, a militante.

Mulher

É militante, é. Mas eu falei para a pessoa assim. Tá, mas eu não milito em nenhuma organização. A pessoa fica parada.

* Você é de algum Partido?

Também não. E aí eu tento mostrar para a pessoa que eu não tenho nada de militante, eu tenho em sim na questão racial e do seu racismo, que não topa o debate de racial. Então, o seu racismo que acha que toda vez que a gente fala sobre a questão racial é militância, nem sempre é militância. Eu não estou com a bandeira na mão, eu estou falando sobre um problema sério no país. Eu não topo esse discurso, sabe? Ah, você é militante. Não, não sou. Sou pesquisadora. Estou aqui igual a você. Como pesquisadora, como acadêmica, e aceite o meu tema de pesquisa. Pode não querer falar sobre racismo, mas problema seu. Esse é o meu tema de pesquisa e ele é sério. E aí, entendeu? Meio que dá uma tcha! no corpo. Sabe aquela coisa assim: eu estou de frente, mas estou de costas. E voltei. uma coisa meio…

**LUCIANE:**

Gingando, não é?

**MULHER:**

É… para não ficar reproduzindo esse discurso?: ah, eu sou militante sim. Eu sou militante, porque não tem como você não ser. Posso não estar diretamente ligada a um partido ou a um movimento social. Mas a minha militância é de corpo.

**LUCIANE:**

Tem um posicionamento, não é?

**MULHER:**

É de corpo! Exatamente, eles também são. Mas a gente não faz esse retorno, não é? Você que é militante, você que fica falando do tema branco.

**LUCIANE:**

E quais são os exemplos de demanda que vocês receberam de movimento sociais de… Para pesquisa?

**HOMEN:**

Na realidade, assim…

**MULHER:**

… de catador. Que foi aquele que deu um problema danado para a gente mensurar a quantidade de catadores de material reciclável no Brasil. E, por, pela interseção que tem entre catador e população em situação de rua, também mensurar a população em situação de rua. A gente fez catador a partir do senso. Tentou a partir da … e não funcionou muito bem, entre fevereiro e março do ano que vem, ele deve estar saindo. E o de população em situação de rua quem fez foi o … Qual é o nome do menino?

**HOMEN:**

Marco Natalino.

**MULHER:**

Isso, Marco Natalino. Ele avançou um pouco na metodologia…

**HOMEN:**

Ele fez uma metodologia de cálculo. De população em situação de rua no Brasil.

**MULHER:**

Que é uma lacuna, não é? Porque as pesquisas domiciliares não… obviamente, se são pesquisas domiciliares não pegam a população de rua. Porque são domiciliares não pega catador, porque catador também fica na rua muita parte do tempo. Volta para casa às vezes de final de semana. É uma lógica diferente.

**HOMEN:**

Na real, é… O IPEA não é uma instituição muito acessível para movimento Social. Para muito movimento social é sequer possível imaginar que existe uma possibilidade de você acessar a Instituição. Mas, em geral, é só via pesquisador. Então, assim, predisposição nossa individual nossa, individual, colocar no nosso plano de trabalho uma pesquisa e tentar bancar aqui, fazer alguma proposta internamente, para que isso tenha algum tipo de recurso, que permite que a gente coloque isso no nosso plano de trabalho e produza pesquisa. Fazer essa.. Então, não é alguma coisa muito institucionalizada. Eu lembro de um momento só, q1ue isso foi bastante institucionalizado, que foi na época que eu trabalhava na área agrária, quando o pessoal da Compage fez um acordo de cooperação técnica mesmo com o IPEA, aí a gente fez uma pesquisa na marcha das Margaridas. Aí, a gente fez uma pesquisa, contratou mais de 25 entrevistadoras, o IPEA estava recebendo um monte de mulher, de um monte de região do Brasil,...

**MULHER:**

2013? ou 2014?

**HOMEN:**

Não, foi 2012. E aí a gente fez, organizou a pesquisa e tal, fez um questionário, treinamos a galera que fez, que contratou para fazer as entrevistas e aplicamos mais de 600 questionários durante a marcha. E isso foi apoiado Institucionalmente pelo IPEA. O IPEA apoiou com recursos próprios e tal. Fora isso, eu me lembro de… a gente teve uma parceria, aí não era um movimento, era uma ONG, que era a SOS Corpo, que era na Coordenação de gênero, um trabalho que elas fizeram, uma pesquisa de Campo que foi para Recife, São Paulo e Pará. Sobre a autonomia econômica das mulheres em diferentes frentes do mundo do trabalho, não é, do setor produtivo. Setor têxtil, setor civil, da cadeia de produção de alumínio do Pará.

Fora isso, do ponto de vista institucional, o que eu me recordo foi mais isso que eu vi acontecer no IPEA. Fora isso, são as nossas, a nossa autonomia relativa que a gente tem, que é importantíssimo porque capilariza a nossa capacidade de refletir, de produzir pesquisa, que inclusive com uso de diferentes tecnologias, aportes teóricos, não é? Metodológicos. E, mas é isso, não tem algo muito institucionalizado nesse aspecto não. As grandes partes das demandas, quando vem, externa, é governo mesmo. São ministérios, sobretudo a SEPPIR

**LUCIANE:**

Me fala um pouquinho como foi com a SEPPIR. Você falou que tem o projeto sendo desenvolvido agora com a SEPPIR. Como que é essa parceria?

**HOMEN:**

Sim. Então, eu posso falar isso de forma muito tranquilo. Não tenho muito problema em dizer. A SEPPIR está passando por uma, um período bem ruim, bem difícil para ser poético. [risos]

**LUCIANE:**

Eu estive lá essa semana e, enfim…

**HOMEN:**

Então, e o que que acontece? A SEPPIR agora, ela perdeu muito quadros, muita gente saiu, rolou muito assédio moral afastado, muita gente foi obrigada a tentar achar algum canto para se alocar em outro serviço público. E aqueles que ocupavam cargos de comissão foram demitidos.

PAUSA PARA RANHO

E o que que acontece? A SEPPIR, diante da ausência de gente, para fazer alguns tipos de trabalho, precisa demandar alguém que o faço. O relatório, esse relatório da Convenção contra todas as formas de Discriminação que a gente está fazendo, é a atual parceria que a gente tem com eles não é? A única.

**MULHER:**

Atual e única.

**HOMEN:**

Atual e única. Já tiveram outras inúmeras. Mas essa, hoje, é a única. A SEPPIRnos demandou e demandou diante da impossibilidade de fazer por dentro da própria Instituição. A bem da verdade, isso não é novo também. Nas gestões passadas, já havia uma demanda para que o IPEA fizesse isso. E, mas a coisa nunca ia para frente. Agora foi. A diferença é o lugar que esse tipo de trabalho ocupa hoje dentro da SEPPIR. POrque se antes isso aqui era algo que não era tão relevante, dentro do conjunto de atribuições que a SEPPIR tinha, e do conjunto de políticas e de … políticas raciais. Isso tudo era mais importante para a SEPPIR do que a produção de um relatório. Agora, a produção de um relatório virou algo estratégico.

**LUCIANE:**

é, já que não tem nada mais acontecendo…

**HOMEN:**

Se antes a gente achava que a política de igualdade racial ela era a pequena política pública, agora ela virou a nano política pública. Ela perdeu ainda mais densidade e importância. Mas, em geral, na história dessa Coordenação, pelo o que eu lembro, foi sempre a SEPPIR a grande demandante. E o IPEA sempre … parceria. Em regra. Sempre. Mesmo, porque assim… tem uma parte do nosso trabalho…

**MULHER:**

A gente teve o ministério público também

A gente fez… como é que foi?  
Mas não andou… E teve um outro também.. Teve um que foi massa! Foi bem bonito, andou. A gente, pela lei, todos os… Registros Administrativos tinham, que ter a categoria Raça/Cor, não pé? E aí, na época, Mário pediu para fazer uma avaliação de candidatos eleitorais. Aí eu falei: Mário, eu vou fazer isso a partir de dados de onde? Porque o dado oficial eleitoral não tinha. Eu falei: Mário, tem um problema. Se o dado eleitoral oficial … Aí, a gente voltou e Mário tocou isso de uma forma linda. E acho que, desde de 2014, se eu não estou enganada. A gente entrou, começou, ou antes de 14, mas acho que a da presidencial foi 2014. Entrou em 2012, não é? Entrou a categoria. Entrou a marcação, até rolaram uns embatezinhos na época. Aquela coisa assim: ah, os discursos não é? Eu sou negro, todo brasileiro é negro, todo mundo tem um pouco de negro, todo mundo tem um pouco de indígena, nós somos a formação das três raças. Aquele discurso padrão. mas a coisa andou, e hoje a gente já tem dado oficial da categoria raça cor para o sistema Eleitoral, assim. E começou, era uma RG, eu não me lembro qual, que fazia esse trabalho, que já vinha fazendo uma pressão, sondasse, eu acho uma coisa bem bonita.

**LUCIANE:**

Um bom exemplo de como a pesquisa pode demandar…

**MULHER:**

Que veio de movimento social, que já fazia isso, de forma independente. E mostrou a importância, mas a regra que existia, não é, enquanto norma, lei, mas o IPEA mostrando que era necessário, que não dava para fazer o trabalho da pesquisa só usando a metodologia não oficial, independente. Precisava também da oficial. E aí o clique junto com o Estado no seu órgão e…

**HOMEN:**

Agora, tem uma coisa.

Tem uma parte dessas relações institucionais que não se... elas não se materializam como pesquisa. A gente também tem muita demanda,por exemplo, a participação de grupo de trabalho, de reuniões específicas em que nós somos convidados para falar sobre alguma coisa que a gente já pesquisou ou que vem pesquisando. Então tem parte dessas parcerias institucionais, que é trabalho do cotidiano, que não se registra, que não se visibiliza muito.

E aí tem muita demanda, sempre, não é pouca não. Até o mês passado eu participava de um grupo de trabalho que se debruçou sobre a regulamentação dos processos de identificação nos concursos públicos, que agora tem que ter cota, não é? E aí, essa a discussão sobre as bancas de verificação, composição e critério de composição de banca, enfim, regulação em todo o processo. Porque alguns certames estavam começando a colocar algumas coisas, assim, meio lombrosianas,não é?

E aí, o ministério do planejamento demandou que se produzisse alguma regulamentação nesse sentido. E foi criado um grupo de trabalho e o IPEA faz parte desse grupo de trabalho. A gente tem também participação no conselho, quer dizer, em uma condição de observador, não é?

O ipea FOI convidado para observar, porque o consea começou a discutir território e racismo ambiental, questão quilombola. Eles estão discutindo agora racismo no campo, enfim. E aí, como é um campo muito novo eles demandaram que o IPEA participasse. Enfim, tem várias outras parcerias, que não são exatamente pesquisa, mas que… assessoramento técnico, não é, que a gente vai produzindo.

O produto é o próprio trabalho que a gente via exercendo cotidianamente, não é? Participar das reuniões, opinar, discutindo os documentos, contribuir com a consulta. O documento sai lá assinado com o nosso nome, mas a gente estava tentando construir alguma coisa. Porque tem muita parceria que é assim. E que absorve parte também nosso trabalho.

**LUCIANE:**

Tem diferença de metodologia quando vocês estão trabalhando aqui para vocês, passa o contato trabalhando junto com gênero?

**HOMEN:**

Como assim?

**LUCIANE:**

Assim, quais são os desafios metodológicos que vocês encontram para colocar a questão racial?

**MULHER:**

O meu primeiro desafio é a capacidade de consciência e percepção da questão, esse é o primeiro. Deixar colocar isso em pauta, assim. Entender isso como questão ainda é uma dificuldade. E o segundo é a capacidade cognitiva. Compreensão cognitiva. Tem que falar, sabe? Não entende mesmo. Não sei por quais os motivos. Não sei se não entende porque não quer entender. Não sei se não entende porque foi educada para não entender, a gente não pode esquecer disso: que racismo educa as pessoas racistas, todas nós aqui, inclusive. A não ser que você tenha vivido em uma bolha afro centrada, que não é o caso de ninguém, você recebeu, também, formas de ser racistas. E a gente vai se desconstruindo desses reproduções pela consciência com relação ao racismo, não é? Mas, grupo de trabalho de pessoas brancas, é difícil. É aquilo que eu te falei, quando eu digo território negro, é intuitivo. As pessoas brancas perguntam: o que é isso? Então tem duas questões que são importantes nessas duas, e aí vem uma terceira, na hora de fazer um trabalho real que é de conteúdo, porque você está em, grupo. Então, embate para questionar um padrão de percepção que já existe há mais de 500 anos. Então é de conteúdo. É, individualmente, seja HOMEN ou junto, você tem que mudar algumas categorias de percepção, é difícil. É difícil. Eu vou dar um exemplo de uma pesquisa que a gente fez em 2010, 11. 11 para 12 que eu estava aqui. Eu já estava sacando a coisa do genocídio, já estava entrando em contato com o mapa da violência, e estava afim. Vamos, vamos botar aí, cara, é isso que está rolando ... do povo negro. Censura. Censura. Censurada pela incapacidade de percepção disso. Hoje a ONU está vindo no Brasil, fazendo campanha para vida de “vidas negras importam”. A ONU está vindo. Mas o Brasil sabia disso antes. Porque o IPEA tentou pautar isso, desde a Coordenação de Igualdade Racial e não conseguiu. Por que não conseguiu? Entendeu? Então, assim, é de conteúdo mesmo.

**LUCIANE:**

Eu não sei se vocês percebem, mas agora que eu vi por conta disso… A gente tentou, tentou pautar. Mas aí vem… não é? COmo de fora, e agora eu percebo vários pesquisadores brancos falando de genocídio, trazendo… Agora mesmo, segunda, terça feira eu participei de uma banca na UNB de mestrado, a menina loiríssima, com olho azulíssimo, falando, justamente, sobre as mães, e se colocando como porta voz das mães. Eu perguntei: como é que você se sente, sabe, qual é, como você politiza isso? Você, branca, se posicionando como porta voz de mãe negra? Sabe?

**MULHER:**

É o mito de colonizador…

**LUCIANE:**

É terrível, mas enfim…

**HOMEN:**

Eu não acho que, entre, a gente tenha problemas metodológicos nesse sentido estrito. É… na prática, Gênero e Raça, embora tenha, eu falo isso do IPEA, não estou falando do debate do estrato geral. No IPEA, eu vou tentar responder a sua pergunta só citando, mais ou menos, como que é que eu vivi isso aqui dentro da Coordenação, para a gente tentar pensar só… aquilo que nos une e nos separa.

Quando eu entrei na coordenação de gênero e Raça, eu me propus a trabalhar com as duas coisas. Eu quero trabalhar com gênero e raça. E aí, eu abracei, por exemplo, eu me inseri tanto no Boletim de Políticas Sociais, publicação, tanto no texto de gênero quanto no texto de Raça. E quando eu, obviamente, me propus a ir para o texto de gênero, eu queria levar o debate racial para lá. Óbvio. E entrar no texto de gênero, em permitia também, acmular para que o debate de gênero desaparecesse do texto de raça. Eu acho que isso é um compromisso que a gente tem que ter enquanto pesquisador, não é? Enfim. As coisas estão acontecendo aí, a gente precisa dialogar com essa realidade e com..,. enfim. Pois bem, quando eu fui trabalhar na com os projetos de gênero, eu tive muita dificuldade de conseguir tratar do debate racial. Porque, em geral, por exemplo, na parceria com a SOS Corpo, uma ONG feminista, tum trabalho muito importante, tem uma trajetória muito relevante no debate entre o movimento feminista, tal, enfim. Uma grande referência, um trabalho muito qualificado mas, quando a gente foi fazer lá um questionário, por exemplo, para levantar os elementos associados à questão racial dentro da pesquisa de campo dessas.. de tantas mulheres no setor têxtil, na construção civil, na cadeia de alumínio, a única coisa que foi colocado no questionário foi: Qual é a sua cor/raça?

Quer dizer, olha só, a gente precisa, então, tentar entender o que é a questão racial, como colocar umas questões que dialogam…. Porque veja, nós não somos apenas um tom de pele. Nós somos uma humanidade inteira, não é. E todas, e todos os elementos que vocês usam para tentar pensar a mulher em abstrato, a gente também tem elementos para pensar o negro, a mulher negra. É muito mais denso, muito mais profundo do que você fazer só uma pergunta e achar que isso é que lidera elementos suficientes para responder algo que é denso, que é profundo, que é muito mais do que uma fenotipia. Afinal é a nossa aparência sobre determinada, foi esse olhar que nos confinou. Mas, para mim, disse muita coisa. E muita coisa acontece em consequência desse aprisionamento em uma fenotipia. Enfim. Resultado: o quê que a pesquisa achou? Nada. Uma das coisas que apareceram no relatório, que foi, e aí foi um momento de tensão, porque eu disse “não, vou ter que falar”. Quando, depois que a pesquisa toda foi para campo, a gente insistiu que ela deveria ter mais coisa, e a gente sabe que não. Passou daquele jeito: Qual a sua cor/raça, e ficou. E aí, o que que aconteceu? Em inúmeros campos, muitas mulheres se diziam morenas, como a gente já sabe, não é? Isso é mais velho do que qualquer coisa, isso é o básico. Na área racial a gente sabe disso, a gente sabe os motivos pelos as pessoas…. E aí, uma das pessoas responsáveis por elaborar o relatório, quando foi falar.... Bom, e aí tinha uma mulher negra, na coordenação da pesquisa, uma única, e foi ela a responsabilizada por fazer a leitura da questão racial. Só que ela não tinha trajetória na área racial, não tinha. Ela não tinha leitura. E eu a vi diante de uma sinuca de bico. Porque ela chegou na frente, e falou assim, a questão racial não apareceu, porque as pessoas não se… não queriam inclusive dizer. Aí eu disse: olha, eu tive que, como tinha outras pessoas negras na platéia, e estava rolando um desconforto, eu tive que pedir a palavra e disse: olha só, a gente interpreta até o silêncio, o silêncio fala muita coisa. Em pesquisa, o silêncio, às vezes, é mais relevante do que aquilo que a gente fala. Então, quando alguém, quando você pergunta para alguém algo, e o que você recebe em resposta são tentativas de negação de si, tem muita coisa aí para você perguntar. Mas não estava no questionário. O questionário queria apenas saber: raça/cor, a sociologia das aparências, não é? Enfim, e aí, ficou uma situação absolutamente desconfortável. Porque ela foi colocada lá para ser a representatividade da pesquisa, que a própria pesquisa não incorporou. E aí, o que ela fez foi falar aquilo que é o externo que a pesquisa conseguiu revelar. Isso é só uma um exemplo que eu estou usando. Teve outras coisas.

Quando eu e me propus a trabalhar com gênero e raça, eu virei a interseccionalidade da coordenação. E virar internaciona a interseccionalidade da Coordenação era extremamente útil porque exímia que as outras pessoas intersecionalizassem o debate. Aí, do ano passado para cá, eu disse: chega, eu não vou mais fazer isso. Em raça a gente vai ter interseccionalizar, o que vocês vão fazer não é mais da minha conta. E aí, hoje, nós nos respeitamos, mas trabalhamos separados. Na medida do possível, apoios pontuais, se rolar interesse em fazer pesquisa conjunta, beleza, vamos discutir como que ela vai ser feita. Mas, eu, institucionalmente, estar lá como a interseccionalidade que permite que as pessoas se exímam de fazer uma leitura sequer da questão racial, aí não topo mais não…

Mas é isso, só para pintar, teve um caso uma vez, por exemplo,

**MULHER:**

Teve o caso do livro, das leituras também,. não é?

**HOMEN:**

Teve Bruna quando estava aqui, que a gente estava escrevendo texto de gênero, e aí…

**MULHER:**

...Esse caso foi bem simbólico.

**HOMEN:**

E aí e aí a gente o texto de gênero, estava falando sobre violência, e a gente trouxe para o texto de gênero, e não para o de raça, porque para gente era importante que o texto de gênero falasse sobre aquilo, a morte de Cláudia Ferreira da Silva. Porque o texto do Boletim tinha uma sessão que é análise de conjuntura, então a gente está se debruçando sobre coisas que aconteceram em um dado período. E a gente, óbvio, aquilo foi uma das coisas mais relevantes e profundamente simbólica… Vamos tratar. Aí Bruna que também mulher negra, estava trabalhando como bolsista na área de gênero. E aí, eu e Bruna ficamos de escrever juntos uma sessão do Boletim. E aí, obviamente, a gente tentou puxar o debate de raça para dentro de gênero. Vamos racializar um pouco esse debate.

Aí, quando a gente recebeu os comentários do texto, a gente recebeu uns comentários assim: o caso de Cláudia Ferreira Silva não é um caso de gênero, é um caso de raça. Ela não deveria estar aqui. Aí eu fiz uma pergunta: venha cá, em que momento da vida Cláudia Ferreira da Silva deixou de ser negra e mulher? Mulher e negra? Por que que ela só pode estar lá e não pode estar aqui?

Em que momento ela foi só uma coisa e deixou de ser outra? Não é?

Em que momento eu deixo, eu sou um compartimento que você escolhe o que eu vou ser para dizer onde eu devo ou não devo estar? Você consegue imaginar isso para si mesmo? Por que que com ela a gente vai? Oh, vamos esquartejar Cláudia Ferreira, depois de morta, e vamos esquartejar Cláudia Ferreira da Silva, não é?

**MULHER:**

Esse discurso Princesa Isabel, não é? Eu vou te ajudar, eu decido o seu lugar no mundo.

**HOMEN:**

Aí, eu disse assim: não. Tem um abismo aqui entre nós que precisa ser, não é? Precisa ser publicizado e politizado. Porque eu acho que é possível a gente construir outra coisa. Mas do jeito que estava, estava impossível.

**LUCIANE:**

Os comentários são todos internos das leituras? Os feedbacks…?

**HOMEN:**

Desses textos é. Isso que eu estou te falando aqui, é tudo processo de construção de auto publicações e de pesquisa. Então, a gente tem essa publicação, por exemplo, a gente tem um conselho que é enviado para esse conselho. Esse conselho se debruça sobre o texto, algumas pessoas se responsabilizam por fazer um parecer.

Além disso, tem os próprios, como a gente, como o texto ainda não tinha saído da coordenação, esse debate que eu estou falando aqui para você, foi um debate interno dentro da Coordenação. Ele nem chegou a ir para o Conselho, o Boletim. Então foi o processo de tentar construir a decisão sobre se Cláudia Ferreira da Silva poderia estar no texto de gênero ou não. O Bruno, inclusive, escreveu um texto a partir de uma reflexão, a partir desse caso, e publicou acho.

**MULHER:**

Dessa situação simbólica eu tentei apaziguar e falei: cara, para mim é um problema cognitivo. Vamos estudar. Não é? Vamos começar do básico. E aí, vamos fazer grupos de estudos internos sobre a questão. Vou pautar o tema racial dentro do grupo, foi um esforço. Foi um esforço. Comentários do tipo: ah, você está querendo segregar. Deixa eu te falar, racismo foi a partir da nossa perspectiva, não foi a gente que mandou você ir embora. A situação foi outra. E eu desisti. Desisti. Falei, ah, quer saber? Não estou aqui para dar aula, nem para ensinar gente branca que não está disposta a aprender. Aprender a questão racial não a partir da sua percepção que você foi ensinada, que já é uma percepção racializada, e provocativa pelo racismo. Mass aprender a partir de outra lógica. Você vai ter que, primeiro, desaprender para poder aprender. Você vai se deseducar. E aí foi complicado. Falei, ah, não dá, não quero. Porque é uma energia que você vai jogar fora para ensinar o que não quer ser apreendido. Então, eu prefiro jogar essa energia em algo mais legal. Então, a culpa foi de Angela Davis. Porque Angela Davis com uma galera branca é uma experiência, acho que vale a pena todo mundo fazer uma vez na vida. Fazer uma leitura de uma referência afrocentrada, com pessoas brancas. Porque não é a mesma coisa que fazer com pessoas negras. E eu já tinha feito grupo de estudos com pessoas negras, pesquisa com militância, e fazer com pessoas que são mais capacitadas do estado brasileiro, posso dizer isso, afirmar isso com total certeza. O IPEA é um dos órgãos com um quadro que tá com um dos últimos níveis de capacitação profissional formal, não é? Majoritariamente, Mestres e Doutores, Mestras e Doutoras. Se fazer isso … Básica, ali, é do tipo assim, eu tenho duas opções. uma: topar isso, levar a frente e fazer o avanço. ou recuar. Eu, naquele momento, preferi recuar.

**HOMEN:**

Aquela coisa não é? Mário mesmo quem diz isso: o Brasil, quem lê três obras sobre a questão racial, vira especialista. Eu gosto de uma metáfora para pensar o lugar que a questão racial sempre ocupou em certos espaços, sobretudo na Academia, na universidade, onde todos nós viemos, não é? Então, a gente também carrega … Os problemas da universidade estão aqui.

**MULHER:**

… eu fui para a Academia depois . Minha trajetória foi posterior. Eu já estava aqui quando eu fui para a academia… foi outra pegada.

**HOMEN:**

Eu estou falando individualmente, individualmente a gente dá os nossos pulos, não é? Mas em regra, em geral, a história é outra. Mas, a questão racial era meio que a maçã proibida do paraíso perdido. O que não se podia comer, sob pena de desmantelar a nossa democracia racial, não é? Racializar uma população que não era racializada. Para qual, a questão racial, não era um elemento, um divisor de águas. Só que, negras e negros que nunca viram isso aqui um paraíso, comeram a maçã, não é?

[risos]

E é por isso que o debate não morreu. Mas, a universidade, grupos de esquerda, trata o debate racial como essa maçã proibida. Não vamos falar da questão racial no debate porque isso vai dividir a classe trabalhadora. Não vamos falar sobre, não é? Enfim…

Para mim, é a maior falha da esquerda.  
**HOMEN:**

E aí, veja, tem um abismo em termos de percepção. É o território … eu não sei nem explicar direito, porque às vezes [é difícil. Parece que você está falando em outra língua às vezes. Agora tem mudado também. Eu tenho visto uma maior abertura ao debate racial onde, antes, não havia nenhuma possibilidade de se falar sobre isso. Nem tudo… E muito porque tem uma geração grande, hoje, de negros e negras que estão conseguindo chegar em lugares para os quais o nosso acesso era vedado, não é? Então, hoje, não dá para simplesmente fingir que não existe. E parte dessa reação também negadora é uma resposta à presença desse debate. Por estar se impondo de uma certa forma. A revelia do desejo de indivíduos, de grupos, ou mesmo dessa Instituição, dessa diretoria. Quer dizer, pensar o seguinte, mesmo que a gente diga para você que a gente não tem muitos recursos, não tem muitos incentivos, lá também ninguém mexe muito com a gente, não. Sabe?

E isso é importante realçar, sabe? A gente tem um certo espaço conquistado, que não é algo produto do meu trabalho, individualmente, MULHER, tem gerações que nos antecederam. Foi trabalho de Mário, trabalho de Luciana, trabalho de Josenilda, trabalho de Tatiana. Quer dizer, tem uma área consolidada, tem acúmulos, tem muito suor que foi colocado aqui…

**MULHER:**

E também de pessoas brancas, não é? Que a gente não pode esquecer que…

**HOMEN:**

Não, tem sim. Eu estou falando aqui só das pessoas que passaram pela Coordenação, não estou nem… Tem outras pessoas. É isso. A era de André Calixto aqui como diretor, eu acho, eu, honestamente, acho que temos abertura e espaço. Se não fizemos, também é nossa responsabilidade sobre isso. E os nossos limites também, a bem da verdade. Mas…

**MULHER:**

Teve o trabalho também do Rafael Osório que foi muito relevante…

**HOMEN:**

Rafael Osório, Serguei tem produção nessa área, a galera daqui de desigualdade e que fez…

**MULHER:**

Que trabalha com pobreza…Porque também não tem como, não é?

**HOMEN:**

Não, não é só não tem como, não, MULHER. Rafael fez uma tese sobre sistema de classificação racial, que até hoje é a grande referência em termos de debate, um texto de 2003. E é citado… E, realmente, o texto é muito bom, e são pessoas que, por exemplo, a gente conta. Tipo assim, é pau para toda obra. E está com a gente no relatório, e acabou.

O modo como isso se expressa, aí varia.Depende de incorporar a pauta ao seu debate, varia muito. Mas tem. Isso a gente não pode negar, não. Se a gente chegar aqui, passar uma ligação para Rafael, pedindo: Rafael, a gente precisa de ajuda em tal e tal coisa. Se não estiver atabalhoado de tempo, ele roda. Pedro, a mesma coisa.

**MULHER:**

Pedro é muito aberto.

**HOMEN:**

Se pedir para Pedro: Pedro, a gente está precisando de tais e tais dados. Rola? Rola. Pronto. E faz com qualidade, faz com cuidado. Então tem as parcerias, que é… de coisas que vieram de gerações.

**MULHER:**

Quando eu disse que não tem como, é porque eu estou vendo um trabalho que está sendo desenvolvido no Doutorado, que o pessoal está desenvolvendo mas que não percebe, diz que não existe a questão racial. Entendeu? … estou vivenciando um momento que me faz falar “poxa, então é possível trabalhar com pobreza sem tocar na questão racial?”. É impossível. Mas essas pessoas toparam esse debate.

**LUCIANE:**

Vocês acham que o debate, por exemplo, sobre mestiçagem, democracia racial foi superado aqui dentro?

**MULHER:**

Não, nem aqui nem em lugar nenhum. Em 2001 eu apresentei um texto aqui, a primeira página do texto tinha uma nota. E na nota: O Mito da Democracia Racial tal, tal, tal. A pessoa virou para mim, o parecerista, homem, e disse. Dois homens. Dois pareceristas, dois homens brancos. “Esse não é um mito, é a realidade. A gente é uma democracia Racial.” Eu falei está bom, aceito a sua opinião, agradeço ela, mas vamos para frente. “Ah, mas você tem que debater”. Não, não tenho. Você pode estudar, eu posso te passar material, minha hora aula para homens brancos é um pouco mais cara, então se você quiser a gente agenda fora do IPEA, dentro do IPEA o que eu posso fazer é te dizer que isso já é um debate vencido. Então, a gente ainda… isso foi em 2011.A gente ainda encontra. Então não é… E eu acho que vai de encontro com o que Mário disse das três referências. As pessoas não estudam a questão racial, elas se colocam no lugar de quem sabe a questão racial. E não sabem. Agora, a ignorância sobre a percepção racial nunca é percebida como … Se uma pessoa negra demonstra ignorância sobre qualquer outra temática, debate econômico, economia, qualquer que seja. Ela é desqualificada de imediato. Por que a gente não faz o mesmo quando as pessoas se colocam sobre a questão racial e não desqualifica também. Então, eu acho que a gente tem que levantar a bola da cognição também, se levantam para a gente. Se nós somos limitados e desqualificados em função de desconhecimento de questões, entendeu? Majoritariamente branqueadas. Vamos devolver isso também. E se a pessoa não sabe, é porque ela está precisando estudar também. Precisando saber e assumir sua ignorância. Então, eu estou em uma vibe mas nesse sentido do que ficar… Ah, a pessoa não sabe porque não quer. Referência aí não falta. Não vamos assumir de coitado com o branco que está disposto a falar de um tema que é sério. Não topo mais, sabe. Minha proposta não é mais essa. Você vai estudar. Por que a gente não tem que estudar? Não exigem tanto da gente? Então, vamos exigir dessas pessoas.

**HOMEN:**

Só para… uma coisa da sua pergunta. O IPEA é bem heterogêneo. Grande parte dessas … que a gente está te falando aqui, é muito mais Diretoria de Estudos de Políticas Sociais. Porque, por exemplo, democracia racial aqui, considero como um debate razoavelmente superado. Não tem gente que defende isso, dentro dessa Diretoria. Pode existir? Pode. Mas é minoria. Já no IPEA, como um todo…

**MULHER:**

Aí vou discordar de você. Porque essa situação foi dentro dessa Diretoria, e tinha 4 pessoas dessa Diretoria que eu achava que tinham consciência maior sobre a pauta, e eu vi que não tinham. Por desconhecimento...

**HOMEN:**

Mas, oh… Tem coisas. Para algumas pessoas, para alguns pesquisadores, tem coisas que não são nem questão. Elas nem surgem como questão de… para ser pensada. Porque sequer foi pensada. Está no campo do senso comum, não é? Dialoga com a questão racial pelo campo do senso comum, não como algo de reflexão. Motivos pelo qual eu não sei nem dizer se superou ou não superou porque não está dado. Para quem já estudou a questão racial aqui, mesmo quem não está dentro da Área Racial, não, aí, Democracia Racial já está superado. Dentro de Gênero não tem ninguém que defende isso. Dentro de Raça, óbvio. Desigualdades, plural enfim. Pobreza, todo mundo que estudou pobreza aqui, em algum momento, tematizou a questão racial de alguma forma. E nenhuma dessas pessoas defendem a ideia da Democracia RAcial.Isso aqui não, isso está superado. Os Diretores, em sua maioria, todos, nenhum defendia.. de trabalho eu acho que também…

Os diretores que passaram aqui, salvo essa diretoria que eu não sei como se posiciona, as demais,que nos antecederam, nenhuma abraçava a tese da democracia RAcial Nenhuma. Isso eu tenho certeza.

**LUCIANE:**

E vocÊs, é, entendam pela lógica de trabalho como pardo/preto como negro ?

**HOMEN:**

É. A gente… como o IPEA vem trabalhando com isso. Muito embora, agora, a política de Cotas está exigindo que a gente reflita bastante sobre a grande categoria de … que são os pardos, não é? Porque como ele é categorial relacional, contextual, não é, mas quando a gente abre lá a grande categoria pardos, tem uma parte dos que se autodeclaram pardos que se declaram, inclusive, de descendência europeia. quando você faz a pergunta de ascendência não é? E uma parte dessa galera, está reivindicando ser beneficiária de política de Cotas. E aí, o que que acontece? Assim, como eu tenho dito: isso é um problema novo para a gente. Que só existe porque aplicaram a Política de Cotas, porque antes para a gente não tinha nenhum sentido discutir isso, não é? Não tinha. E passa a ter relevância agora. Vamos ter que lidar com isso e criar novas respostas. Não dava para responder isso antes, não era uma questão.

**LUCIANE:**

É um novo momento político de… não é?

**MULHER:**

Já tinha um grupo que, na época, debatia cotas que já era contrário a padronização e fazia uma crítica muito grande. Um grupo de pesquisadores negros, esse debate já estava rolando… E que defendiam a inclusão que não fosse categoria fechada, pergunta única. Mas que fosse na verdade, um processo de conhecimento do sujeito, da sujeita, que estava pleiteando aquela vaga, inclusive com ascendência. … pergunta a cor da pessoa, pergunta a ascendência, você faz um grupo de perguntas, que vai te fazendo conhecer, depois a entrevista…

**HOMEN:**

Depois ver o que fazer com isso ia ser difícil. Porque, veja, mesmo… Vamos lá. Quantas famílias negras conhecem a história do tronco… Famílias negras, que tem troncos negros, troncos brancos, por exemplo. Que aqui existe e é muito comum. Quantas dessas famílias conhecem o tronco negro, a história do tronco negro da família, e não o tronco branco?

**MULHER:**

Até porque, foi a parte que foi negada não é? Foi esquecida.

**HOMEN:**

Exato. A memória que foi guardada, majoritariamente, dessas relações afetivas dessa relações familiares são os troncos dos europeus. É o tronco branco. Então, assim, mas isso não significa dizer que está resolvido. Ou, enfim, que não tem solução. A gente vai ter que discutir como é que vai ser feito. Eu só estou lançando novos problemas para a gente pensar que o troço é difícil.

**MULHER:**

É, a padronização é complicada.

**HOMEN:**

É difícil. É muito difícil. É muito complicado. E de outro lado, a gente tem que lembrar o seguinte: a gente conseguiu conquistar muito espaço nos debates públicos, os textos sobre desigualdade cumpriram um papel importantíssimo nesse aspecto, através da incorporação desses setores que a gente quer negar acesso. A gente usa, estatisticamente, as informações referentes a esses grupos para reivindicar política.

**MULHER:**

Mas tem um cálculo que Rafael faz no TD, e depois ele elabora de maneira mais profunda na tese que é exatamente isso. A variação de pessoas brancas que se colocam, não é, que tem descendência branca dentro da categoria Parda, não é suficiente para fazer uma alteração sobre o grupo de pardos que são, majoritariamente, negros afrodescendentes.

**HOMEN:**

Mas isso é estatística. Política de Cotas é o sujeito, não é estatística. É uma pessoa de corpo vivo que kafquianamente chega, diante da lei, e pede para entrar. E, a gente está assumindo agora a função do guarda diante da porta. Que vai dizer quem vai entrar e quem vai sair. E não é uma decisão fácil. Eu já participei de duas bancas, e eu vou lhe dizer, eu tive várias dúvidas. Várias, inúmeras dúvidas. Sobre se entrava se não entrava. Porque uma coisa…

**MULHER:**

Eu participei … De uma pessoa que depois eu virei amigo. Coisas da vida. Mas aquele dia.., Eu falei, bicha, acabou, já passou.

**LUCIANE:**

E quais eram as dúvidas?

**HOMEN:**

A minha questão era pensar o seguinte: esse sujeito, essa sujeita, que está aqui diante de mim, ela passou por um processo discriminatório? Porque, para mim, essa… A sua fenotipia te expõe a um processo discriminatório? Essa para mim é a questão.

**MULHER:**

Do tipo o racismo te encontrou, não é? Porque o racismo acha e define quem é branco e quem é negro.

**HOMEN:**

Dentro do contexto que ela está inserida, eu consigo, é palpável eu consigo pensar? Agora, veja, tem um quê de arbitrário nisso, porque é o meu olhar sobre a pessoa sobre isso. Então, é uma coisa … E eu disse, olha: para mim, estar nessa posição não é nem um pouquinho confortável. Eu tenho ainda outras dúvidas. Pessoas indiodescendentes que pedem pra entrar dentro da lei: o que fazer? PEssoas que também passaram, em diferentes contextos, por processos discriminatórios. exposição a morte e tal tal tal. O que fazer? Por exemplo, boa parte dos Pardos que se autodeclaram Pardos na região Norte, são indiodescendentes. Mas que a gente usa, estatisticamente, para produzir demanda para população negra. Mas são índios descendentes. A gente faz uso político disso. Pode abrir lá, é tudo indiodescendente. Tem presença negra? Negra. Mas tem presença, majoritariamente, indígena. E não se declara indígena lá no campo. inclusive, não se declara indígena por política do Estado. Política de EStado incentivou a desindigienização da população, que é o grande projeto assimilador, não é? Assimilador dos povos indígenas. Ditadura Militar fez isso a rodo. Não é? Enfim, e aí? o que fazer? Eu não sei. Eu só acho que é uma questão que a gente via ter que pensar, e não está resolvido. Simplesmente, dizer … não resolve. Não resolve. Aí, outras coisas que eu acho.. Quer dizer, são na verdade, nem houve processo histórico. Não dá. Eu não consigo só pensar nesse processo não. Tem que produzir outras respostas para isso, e…

**MULHER:**

.. Rafael. NEm tudo é discriminação, e os grupos de pardos discriminados, mesmo que venha de outra ascendência, o de brancos é ínfimo para fazer alteração. E o de outros grupos, são grupos também que passaram por processos de discriminações semelhantes ao racismo. Então, não tem problema em usar a categoria Pardo junto com pretos para engro. entendeu? Esse é o argumento dele. E ele faz todo o caminho, o cálculo disso, fazendo a separação. E aí eu concordo com ele. Se não tem problema. Eu só acho que a gente tem que .,.. como HOMEN disse. Essa lógica de padronização ela vai chegar o limite. Se não já chegou.

**HOMEN:**

E aí tem várias propostas na mesa. No debate lá no grupo do trabalho, em um seminário que teve em Setembro a gente discutiu muito isso. Tem setores que estão defendendo que você faça a pergunta de raça/cor, e logo em seguida de ascendência. Inclusive eu acho que são Paulo já adotou … nesse sentido. Então, um dos seus pais tem que ser não é, de ascendência negra, não é? Mas isso divide opiniões, não é consensual. Tem um outro campo que defende que só deve entrar os pretos, pretos. porque a política de cotas tem um viés tal que ele garante, majoritariamente, peles mais clara. E isso, em alguns órgãos, as pessoas têm apontado isso. Militância, pesquisadores. Enfim, e isso de fato é uma questão que a gente vai ter que se debruçar também. AS diferentes exposições ao racismo de corpos negros, não é? Não é tudo igual. ão é um balaio de gato que acontece tudo. Enfim. Não e. A simplificação que a gente precisa para a política, para ganhar espaço na política, ela está começando a esbarrar agora na complexidade do real. das coisas que nos unem e nos separam. Enfim. E como lidar com isso é algo que a gente vai ter que aprender. Só acho que não tem resposta simples para nada. E agora, política pública em geral se faz sacrificando…

[risos]

Pode ou não pode e acabou. Em algum momento vai ter que ser assim. Ou o sim, ou o não. Olha só, você não entra não.

**LUCIANE:**

… eu queria perguntar como que vocês percebem o uso, tanto governamental quanto não governamental, do trabalho que é produzido por vocês. Vocês veem utilização? Acha que as pessoas acham relevante?

**HOMEN:**

Aí, olha só, tem duas coisas. Tem o trabalho que a gente faz de assessoramento técnico. Tem o trabalho que são as publicações. E tem as intervenções. Chamam para ir em um Seminário,acho que são três coisas muito importantes. Porque falar, também, é tão importante quanto escrever. E falando as vezes a gente consegue atingir públicos que com a escrita a gente não consegue. é… Eu acho que tem diferentes formas de apropriação a depender da forma, dos veículos que a gente usa para se comunicar dentro dessa instituição. Em geral, é muito respeitado. E o que gente fala, já goza de uma espécie de legitimidade intrínseca ao poder que o órgão tem no imaginário. Que nem sempre corresponde ao que ele efetivamente é. Mas, esse poder existe. Esse reconhecimento existe. E isso, obviamente, potencializa o debate que a gente pretende construir a partir dessa instituição. Sabe? É inegável. E os nossos textos tendem a ser lidos e mais reverberados, do que se eu estivesse fazendo, por exemplo, um trabalho dentro de uma universidade. Por conta dos canais que a gente possui, não é, e da facilidade para que essa informação circule e seja apropriada como um discurso de poder. Não é? olha, é uma instituição pública, é uma espécie de voz do governo, e que de vez em quando produz informação contra o próprio Estado. Não é? Então, veja, isso tem uns flancos pelos quais a gente consegue falar e atingir públicos bem heterogêneos. Eu não sei te dizer,exatamente, eu acho que isso escapa da minha capacidade de perceber, em que medida isso está sendo apropriado e tal. Agora, a gente vai tendo, aos poucos, alguns feedbacks. Então, se a gente começa a ser requisitado no debate que a gente está fazendo para falar de diferentes públicos e diferente lugares, de alguma forma, está ocorrendo algum processo de apropriação, que vai correndo pequena. Vai correndo nos circuitos de militâncias, nos circuitos entre os pesquisadores negros, não é? Não somos muitos, então a gente fala um ou outro, não é? um vai referenciando o outro. É minoria ainda. Ser pesquisador negro não é, não é tanta gente assim. Em face do que poderíamos ser. Sobretudo isso. Então, as pessoas vão se conhecendo, e as redes vão se formando. Então, eu acho que tem um potencial gigantesco, gigantesco. O quão a gente tem explorado isso, eu ainda não sei. Acho que muito pouco. Podia ser muito mais. Mas a gente esbarra nos limites nossos. Eu, por exemplo, juro para você, eu entrei na área racial no final de 2015. para mim, quatro anos é muito pouco, para eu sair publicando a esmo. E eu me reservei o direito de dizer assim: agora eu vou. Desde o ano passado, eu disse olha, eu vou falar. Se surgir convite para falar, Conferência dos …, do Ministério Público, do não sei o quê, eu vou falar. E falando, a gente vai também abrindo a nossa capacidade de escutar algo que não está no nosso radar, não é? Amplifica a nossa sensibilidade com relação a uma pauta que tem um monte de gente pesquisando coisas totalmente diferentes. Tem vezes que pesquisa a mesma coisa. E a gente descobre que, olha, tem gente quem está fazendo a mesma coisa que a gente está fazendo em paralelo. Não é? Enfim. As discordâncias em relação àquilo que a gente tem dito, são relevantíssimas para a gente repensar as nossas certezas. Enfim. E nesse sentido, eu acho, a minha impressão é super positiva. Hoje, eu preciso, MULHER diz que eu escrevo diários, eu preciso parar para transformar isso em textos e publicar. Porque as demandas têm surgido. Os diários que eu escrevo.

**MULHER:**

Os diários que ele escreve para ele… E a branquitude nos, é…, nos imprime esse tipo de opressão. Se você não publica, você não produz. Porque a produção é por meio de publicação. Então, se você escrever, se a escrita para gente é uma forma íntima de relacionar a nós mesmos, a partir da nossa percepção do que a gente passa. Porque quando HOMEN escreve sobre genocídio, está escrevendo sobre o genocídio dele mesmo. Por isso, para mim, é difícil escrever sobre a minha morte. É isso. Não é? Então, quando ele escreve tudo isso, e por isso que eu digo que ele escreve um diário, é ele se relacionando com ele. E transformar essa intimidade, em material público é difícil. Mas a gente tem que fazer. Porque se a gente não faz, a gente é penalizado pelo formato que nos oprimem de avaliação, de produção e de percepção dos nossos corpos… trabalho. Porque você não produz. Porque não tenho o ISSN ou o ISBN. Então, você tem que colocar para fora o diário, e transformar o texto íntimo, íntimo não no sentido de diário, falo diário brincando, metaforicamente. Mas, íntimo no sentido de ele escreve de uma forma,que, de repente, ele não está confortável para publicar daquela forma. E ele não está. ELe não publica porque ele não está confortável. Ele não está confortável. Entendeu? Ele circula para um, circula para outro. Um lê, outro lê. Um dá um parecer. Mas.. e publicar isso para os senso comum?

**HOMEN:**

O lance é o seguinte. Quando você se propõe a fazer algo que está um pouco fora do script, e aí tem várias camadas esse debate, mas vamos lá. Quando você se propõe a fazer algo que está fora do script, não quer repetir a mesma coisa de sempre, a possibilidade de você errar, aumenta. Sair …

**MULHER:**

E para mim, isso é consequência do racismo. Porque branco erra como a zorra. E a pretitude tem medo de errar. Entendeu? A gente é autocrítico.

**HOMEN:**

A gente sabe que se a gente errar, as consequências serão piores.

**MULHER:**

Por que a gente não tem esse direito?

**HOMEN:**

Luislinda, que eu não defendo, cometeu aquilo que aconteceu., Falou aquelas merdas todas. olha a reação que teve Luislinda e olha a reação que teve as outras. … disse coisas muito piores.

**MULHER:**

Então, isso que eu estou falando, a gente não tem direito ao erro. A gente…

**LUCIANE:**

E isso a gente ouve desde criança na nossa educação, não é? “Preto tem que ser o melhor”

**HOMEN:**

Exatamente, exato. Mas assim, mas o fato…

**MULHER:**

“Se você não estudar, você não vai ser nada na vida”.

**HOMEN:**

posição e cor…

Mas o fato é que eu não consigo publicar. Porque, primeiro, publicar porque a gente precisa dialogar com outros. Esse troço já foi submetido a vários públicos. Então, esse debates já foram lançados em diversos seminários, para todos os lugares que a gente via sendo convidado. Esse debate foi submetido ao crivo, ao olhar do outro, a crítica do outro.

Então, assim, não há nadas que impeça, a não ser essa resistência, ser perfeccionista a tal ponto que o texto não pode ter uma vírgula errada. Sabe? Enfim?

**MULHER:**

Mas que é resistência, é isso que eu estou falando, vítima do racismo. Você enquanto vítima…

**HOMEN:**

Isso é algo,que aí,a minha autocrítica, sabe?

**MULHER:**

Não é sia. é Comum.

**HOMEN:**

Sim, mas aí eu acho que, como a gente está dentro de uma instituição, a gente tem um lugar para poder falar e reverberar questões, eu não posso, também, transformar isso em um problema… Quer dizer, o problema da instituição embora, seja difícil porque a gente trabalha em uma coordenação que só tem duas pessoas.

Aí, dificuldade, porque às vezes até, qual é a dificuldade aqui? É com quem você dialogar internamente. Só para te citar um exemplo. Ano passado, quando rolou a pesquisa da instituição, que rolou lá a reunião com a nossa Coordenadora

**LUCIANE:**

Quando você foi substituído do seu emprego de Coordenador?

**HOMEN:**

Do meu emprego de coordenador. Eu falei na reunião que eu estava fazendo um texto que eu estava trabalhando com a memória. Era um texto sobre dor e sofrimento, atrelado a genocídio. E que essa era a pegada que eu estava tentando seguir hoje, para repensar a própria morte e suas consequências. Para não ficar só com a estatística fria e dura, dizendo que morreu. E aí eu disse: eu estou trabalhando com a memória, por conta disso. Enfim. Aí a minha coordenadora perguntou assim: que base de dados você está usando? [risos]

**MULHER:**

Ele deveria ter respondido: as almas, os corações, as mentes.

**HOMEN:**

Mas porque eu estou falando isso, porque a impossibilidade do diálogo. É como você produzir um texto, e não tem com quem dialogar internamente antes dele ser publicado, pas vezes é muito ruim. É péssimo. Porque você não.. Ninguém te coloca meio em uma posição de incerteza, não é?

**MULHER:**

Solidão acadêmica, intelectual.

**HOMEN:**

É muita solidão. Então, assim, eu não acredito em processo de pesquisa que ocorra sem discussão, sem o mínimo de debate, sem trocas de ideias. Para mim não dá. Eu posso estar falando uma merda aqui, que é tão evidente, mas não é evidente para mim, porque eu estou tão envolvido no texto que eu não consigo perceber. Só alguém externo que pode chegar lá e me apontar.

Mas, veja, quando você não consegue dentro do seu… Agora, assim, isso tem gente aqui que dialoga, que dialogava. Não estou dizendo que no IPEA não tem. Mas tem certas coisas, certos recursos, eu falo de Dor, Sofrimento e Memória, aí já começa a ficar difícil. Porque a gente começa a escapar muito do perfil IEPA de fazer pesquisa, e de olhar para a realidade, para as coisas. Aí, já torna mais difícil. Algumas pessoas dizem que eu produzo textos fora do lugar. Que é texto que às vezes está muito poético, que não sei o que. E eu vou fazer o que? Então, o problema não é o texto. o problema sou eu. [risos] Eu que estou fora do lugar. Enfim. E o texto vai sair do jeito que eu conseguir fazer.

**MULHER:**

É isso que está. Essa lógica do “eu” fora do lugar, é o constante da gente. Então, não pode se deixar levar nesse diálogo não. Tem que começar a dizer “acho que não”. … mudar a partir de uma percepção única. E agora eu estou trazendo outra. Você pode ficar aberto a isso, ou se você estiver incomodado com isso, pega a sua identidade e vai lá na delegacia e queixe-se. Vaio reclamar sobre a diversidade. Então, eu acho que assim, essa é a lógica de se colocar em posição de poder. De que a gente também está aqui ;... Desiguais, mas iguais, não é? Não equanimes, mas buscando certa equidade. E usar esse espaço de poder. Porque não é todo dia que tem técnico de planejamento de pesquisa negro e negra para poder falar da questão racial, não. Se a gente é exceção, a gente é exceção para muita gente. A gente está em uma representatividade de quantas pessoas que estão querendo falar através da minha voz e da minha escrita. Então, bora botar isso para fora. E se isso vais sair com um erro aqui, com um …. de atenção. é, ela acontece. Acontece na branquitude e acontece na negrada. Se acostume. Funciona. Não é privilégio nosso. E se colocar para fora, porque eu estou fazendo campanha, e essas coisas saem.

**LUCIANE:**

Está bom gente. Eu só queria, só para eu entender esse… No que concerne esse relatório da Seppir. Esse convite de parceria com a SEPPIR que a gente não…E aí eu juro que acabou.

**HOMEN:**

Então, o relatório do CERD o Brasil é signatário de uma convenção, de combate contra todas as formas de discriminação racial. Desde a década de 60. E o Brasil deveria.. Ele tem a, como é um país signatário, ele tem que enviar relatórios periódicos. informando o cumprimento pelo país, o que o país vem fazendo, e de que forma vem cumprindo com os dispositivos. E o Brasil não faz esse relatório desde 2003, que ele não entrega. E ele vem sendo cobrado a esse respeito. E tem uma coisa, outro detalhe, o Brasil é um dos países que temas melhores coletas de informações de cor e raça, mais antiga e tal. Todos os relatórios internacionais, com relação a questões raciais, o Brasil assinou. Meio que esperado, não é? Ele é o … Na América Latina, por exemplo, alguns censos começaram a coletar quesito cor/raça recentemente nos anos 2000. A gente tem séria antiquíssima, desde o século XIX a gente tem coleta de informação. Guardada a qualidade da informação, mas enfim. Mas a gente tem. E, enfim. Bom, a SEPPIR já vinha nos demandando a construção deste relatório já tinha algum tempo, nunca ia para frente, os últimos anos também foram muito conturbados. 2015, quando a gente estava pronto para assinar o termo de apoio de cooperação técnica, a SEPPIR deixou de existir enquanto Ministério, e virou um Ministériozão. Depois, veio o Golpe. E aí, enfim. Do ano passado.. A partir do início desse ano, a Ministra começou a demandar que o IEPA assumisse, tinha que assumir, construir o relatório e tal, tal, tal. A gente negociou em que termos isso se daria, não é? E, agora, a gente está trabalhando para tentar montar um relatório preliminar com algumas informações básicas que obrigatoriamente tem que estar no relatório, e tentando fazer de uma forma … e crítica, para não ser um relatório chapa branca, como se a gente já estivesse vivendo em uma democracia Racial, não é? Não está resolvido. E tudo o que está sendo feito responde a dimensão das coisas. Não. Então, estamos tentando fazer de uma forma cuidadosa, garantindo que ele não saia daqui com uma peça de propaganda, mas como um trabalho sério. Enfim. E comprometido com a pauta racial acima de tudo.

**LUCIANE:**

E vocês sentem que têm liberdade para fazer as críticas necessárias?

**HOMEN:**

Por enquanto a gente tem, porque estamos entre nós mesmos. A gente meio que aquilombou o relatório, não é? Vou usar esse termo. Porque veja, tem certas coisas aqui, que quanto mais você abre o processo, mais controles você recebe. A gente não sabe qual vai ser a censura.. Quer dizer, quais vão ser os comentários e as repercussões que a gente vai receber a partir daquilo que a gente vai escrever. Mas, a gente dividiu o trabalho entre nós, eu estou tomando o trabalho, não sei como MULHER está fazendo, estou tomando o cuidado de tentar.. Por exemplo, o debate sobre violência, se aparecer todo de uma vez, é fácil você retirar todo. Então, você…

**MULHER:**

Excluir. É a lógica da gente fazer costura.

**HOMEN:**

Você costura em várias partes do relatório. Você não fala de uma vez.

**MULHER:**

Porque a censura não pega tudo.

**HOMEN:**

Você fala aqui, violência tem sentido. Vou falar aqui. Aqui também tem. A gente bota mais um parágrafo aqui.

**MULHER:**

Fica repetitivo, em vários pontos, várias temáticas específicas…

**HOMEN:**

Não é repetitivo não.

**MULHER:**

Não é repetitivo no sentido de ser igual…

**HOMEN:**

… de estar falando a mesma coisa. Diferentes aspectos.

**MULHER:**

Repetitivo porque aparece vários pontos. Você repete o debate, sempre relacionado. Amarrando. De modo que quem for tirar, vai ter que tirar o negócio todo. Vai sobrar cinco páginas. entendeu?

**HOMEN:**

Mas é isso. A ideia é tentar garantir de alguma forma, do jeito que a gente consegue.

**MULHER:**

Tem estratégias de sobrevivência aí.

**HOMEN:**

Aqui a gente fala da resposta institucional, a … Mas, o problema é esse. Aí, você não precisa fazer muito esforço para entender que existe uma distância entra a resposta institucional e a dimensão do problema. Às vezes a diferença é tão evidente, que ela está na escala das respostas, não é? A gente está falando de coisas muito profundas, e uma resposta muito superficial. A gente não precisa dizer que a resposta é superficial. a própria superficialidade intrínseca a resposta revela. E aí as pessoas fazem a leitura que as pessoas acharem devida.

**MULHER:**

Só que assim. É um produto feito, entregue pronto, e use-o, altere-o, administre-o. A gente não topa alto censura. Então se você vai censurar, você faça com a sua responsabilidade sobre isso. A gente não..

**LUCIANE:**

xxx

**HOMEN:**

É, o nosso acordo interno aqui foi: nós vamos fazer o relatório, entregar a SEPPIR, e eles fazem a audição que eles quiserem. Nós não vamos nos comprometer a cortar aquilo que eles acham, quer dizer…

**MULHER:**

Alterar…

**HOMEN:**

A decisão é deles do que vai ser usado. E a gente vai tentar publicar, aqui, como uma espécie de subsídio ao relatório Brasil sobre a condição CERD. E aí a gente publica, garante que o que o IPEA entregou foi isso aqui. … relatório do IPEA.

**LUCIANE:**

Ah., legal. É um bom tipo de controle.

**HOMEN:**

É, é o que dá para fazer. A gente não vai dizer que o relatório Brasil vai ser… Mas o nosso vai tentar ser mais. E a gente está trabalhando, como o relatório é muito, ele é muito duro, não é? O formato dele é muito rígido.

**MULHER:**

O formato dele é exigente. Tem um guia do CERD que obriga o relatório a existir… Tem regras. Tem até o número de páginas.

São 40 páginas, bianual, como o Brasil está deficiente desde o relatório de 2004, a gente recebeu uma ampliação, entre aspas, para 80 páginas.

Entendi.

**MULHER:**

… 14,16. são os relatórios que... Então, também não deixa de ser uma… Que esses são materiais livres no site da ONU. Site do CERD.